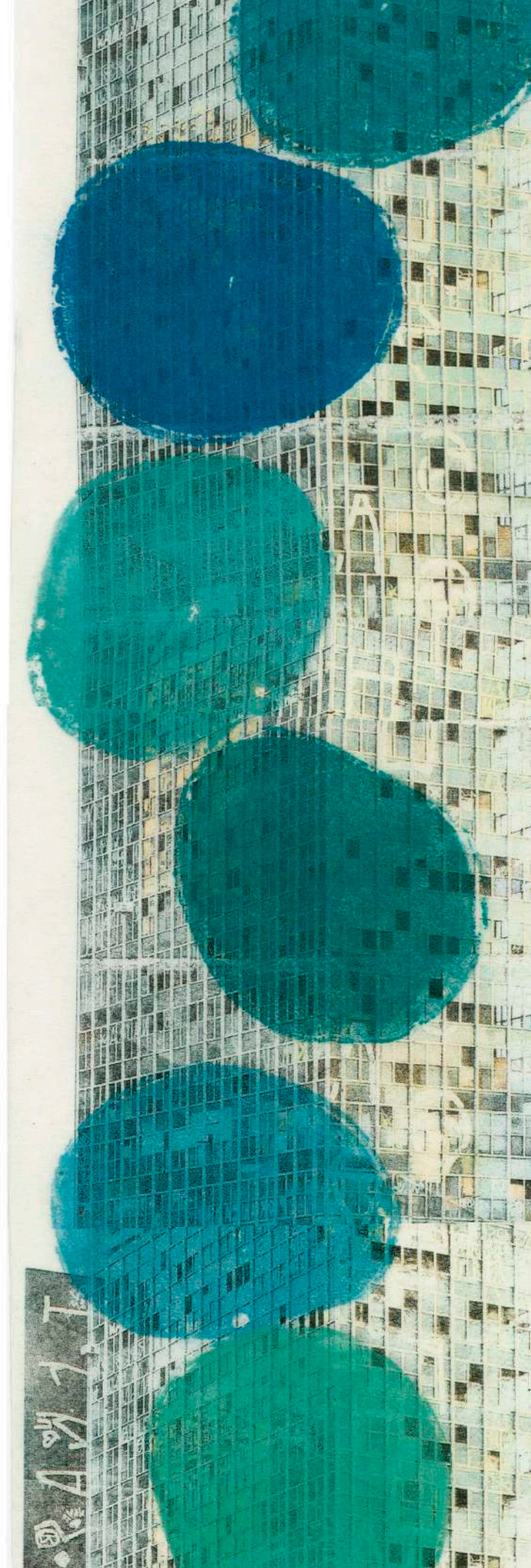
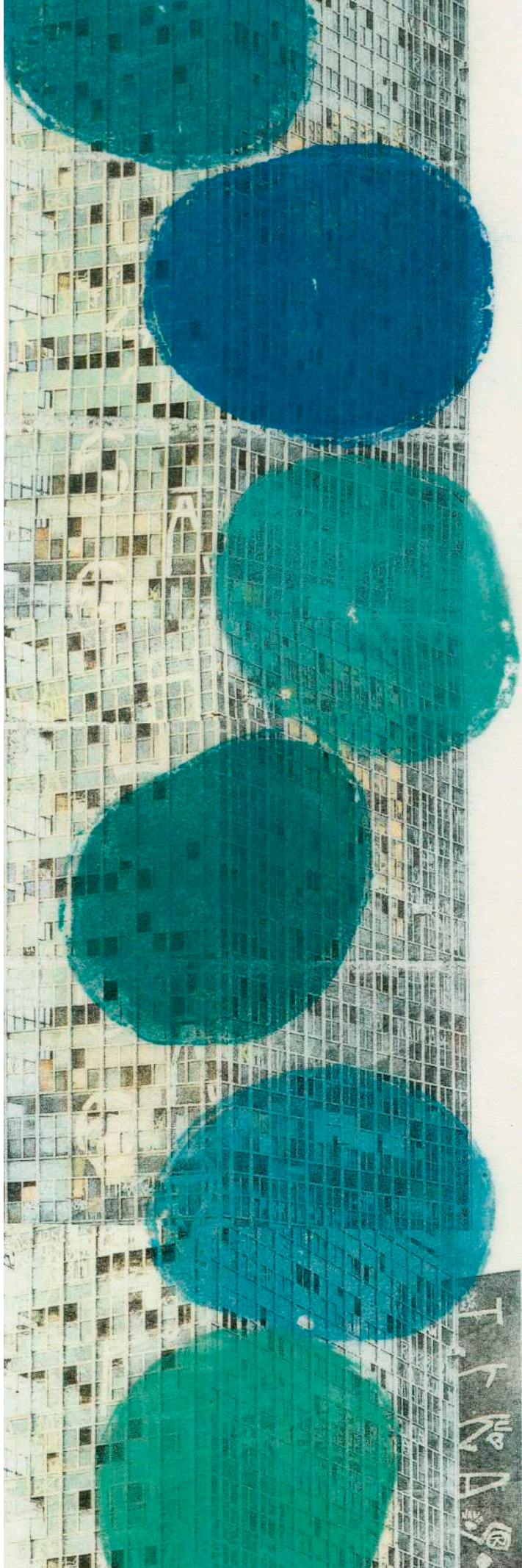


*Anabel
Antinori*

Cidade em risco, corpo em trânsito

a
experiência
urbana
e
o
desenho
de
paisagem





Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Departamento de Artes Visuais da Escola de
Comunicações e Artes da Universidade de São
Paulo para obtenção do título de Bacharel com
habilitação em Gravura.

Orientador:
Prof. Dr. Marco Francesco Buti

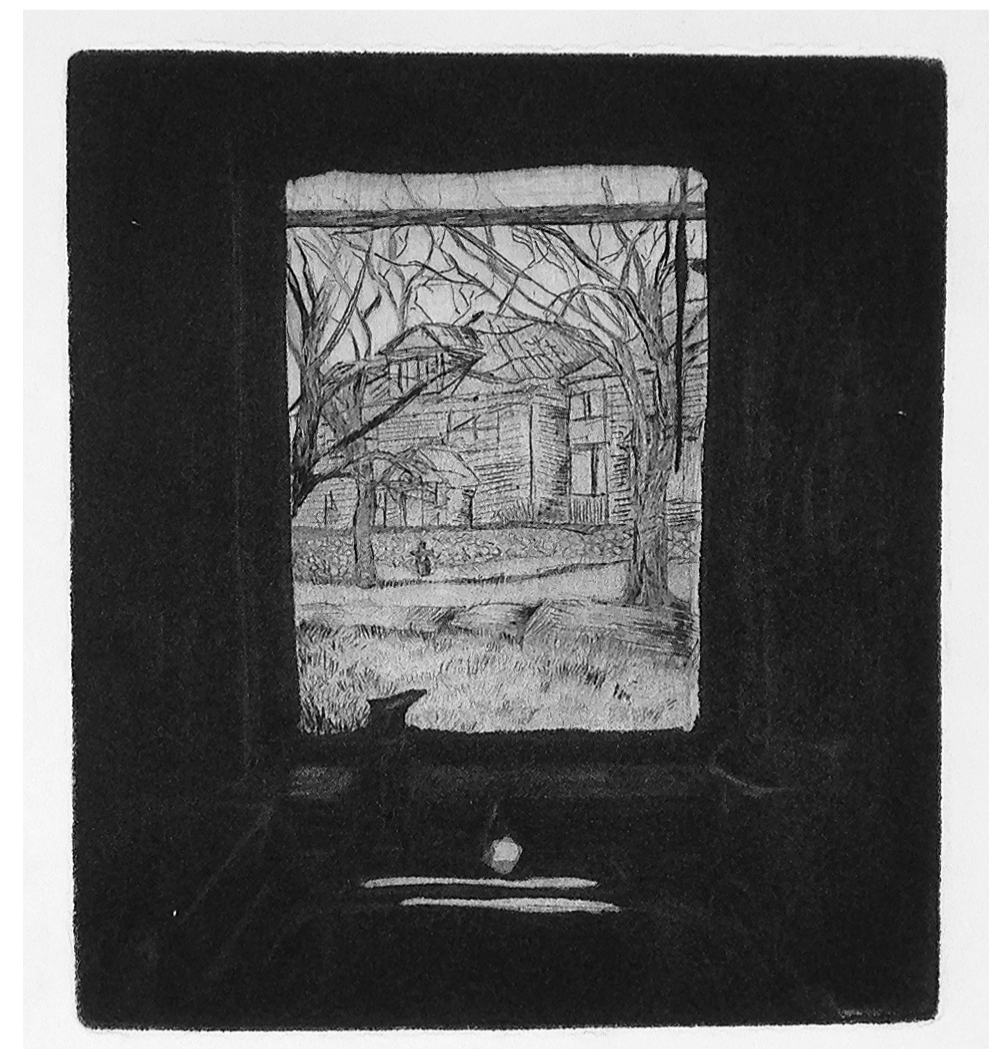
São Paulo, 2020

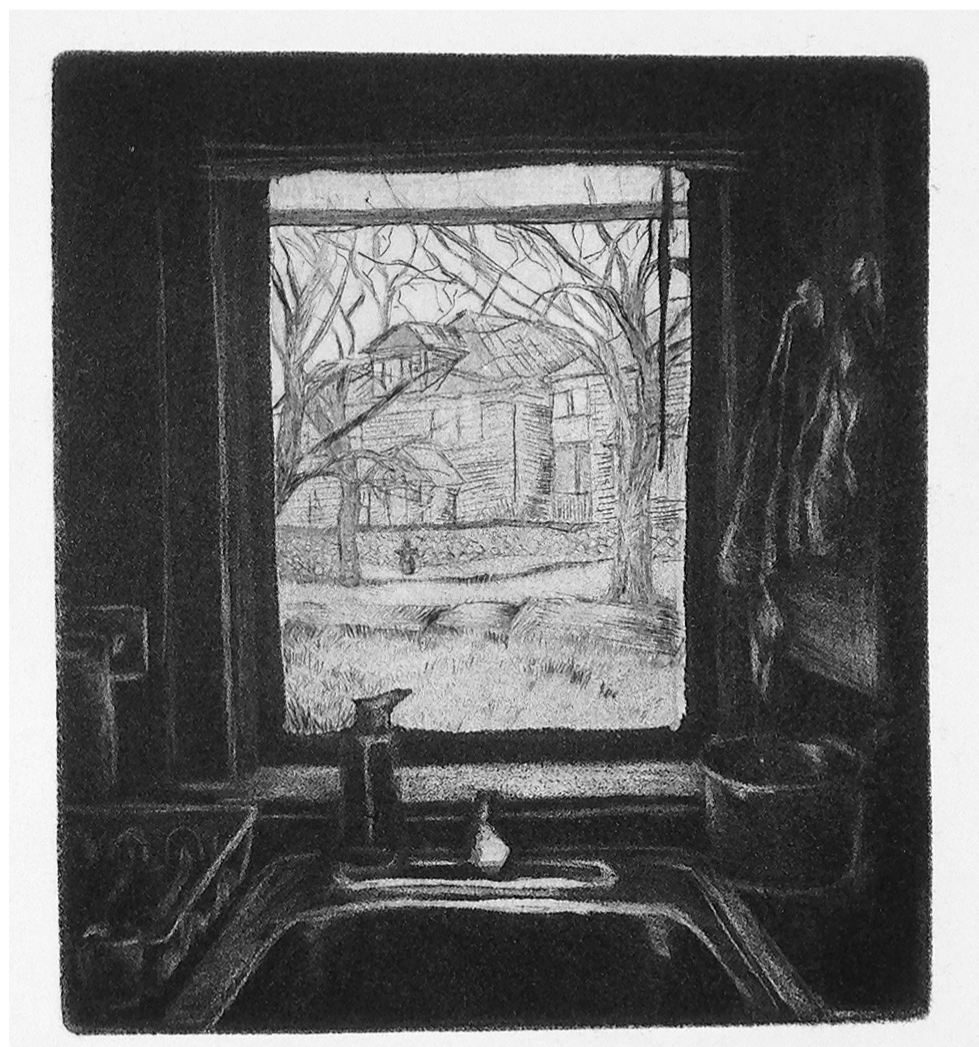
O tema aqui apresentado se fundamenta em um interesse particular: a experiência urbana mediada pelo desenho de paisagem. Sintetizar minha pesquisa de graduação em Artes Visuais com estas palavras foi, não por acaso, uma tentativa de atribuir sentidos mais honestos a uma constelação de termos historicamente já tão comprometidos, afastados de seu real significado. Primeiro porque por *desenho* entendemos apenas o signo gráfico, tradução em linhas sobre um suporte bidimensional, tornando assim limitado o alcance semântico do desígnio (o *disegno* italiano)¹. Segundo, a *paisagem*, que parece estar ainda pairando no recanto dos jardins pitorescos, um *lado de lá* passivo e estático – da mesma forma, tendemos a desenvolver um repertório frágil de cidade, concebida mais como derivada e menos como fenômeno em si mesma. Por último, a *experiência*, reduzida a sinônimo de informação, experimento ou mesmo atributo profissional².

Sendo assim, por meio de uma combinação de técnicas associadas à esfera da gravura, o objetivo da pesquisa visual aqui registrada consiste no empenho de devolver relações mais generosas – e menos generalizantes – entre paisagem, desenho, corpo e território; ou, se preferirmos, uma oportunidade de novamente tomar posse do significado destas palavras, onde deixá-las escapar é não apenas uma questão sintática, mas negligenciar uma parte de nós mesmos.

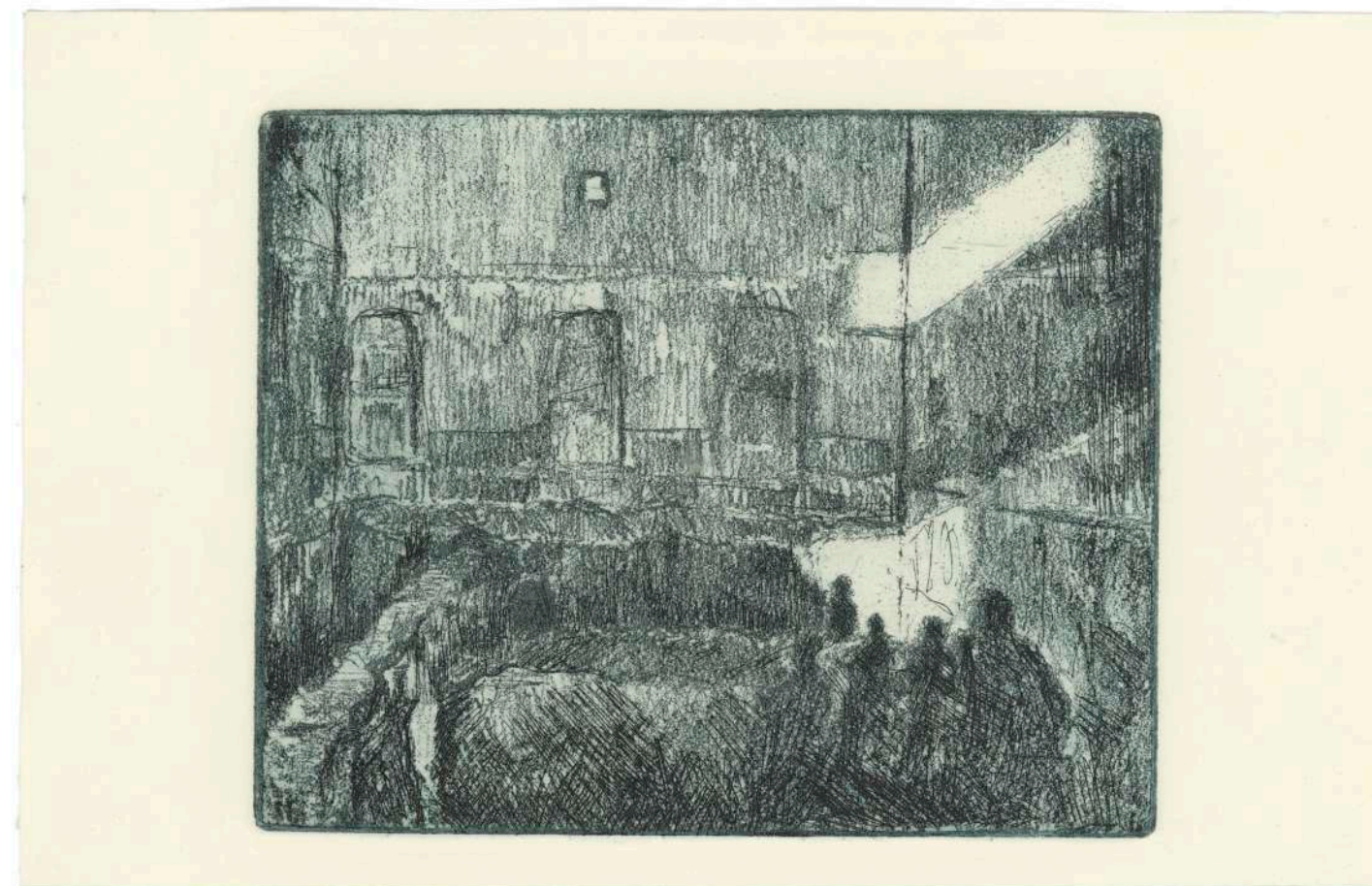


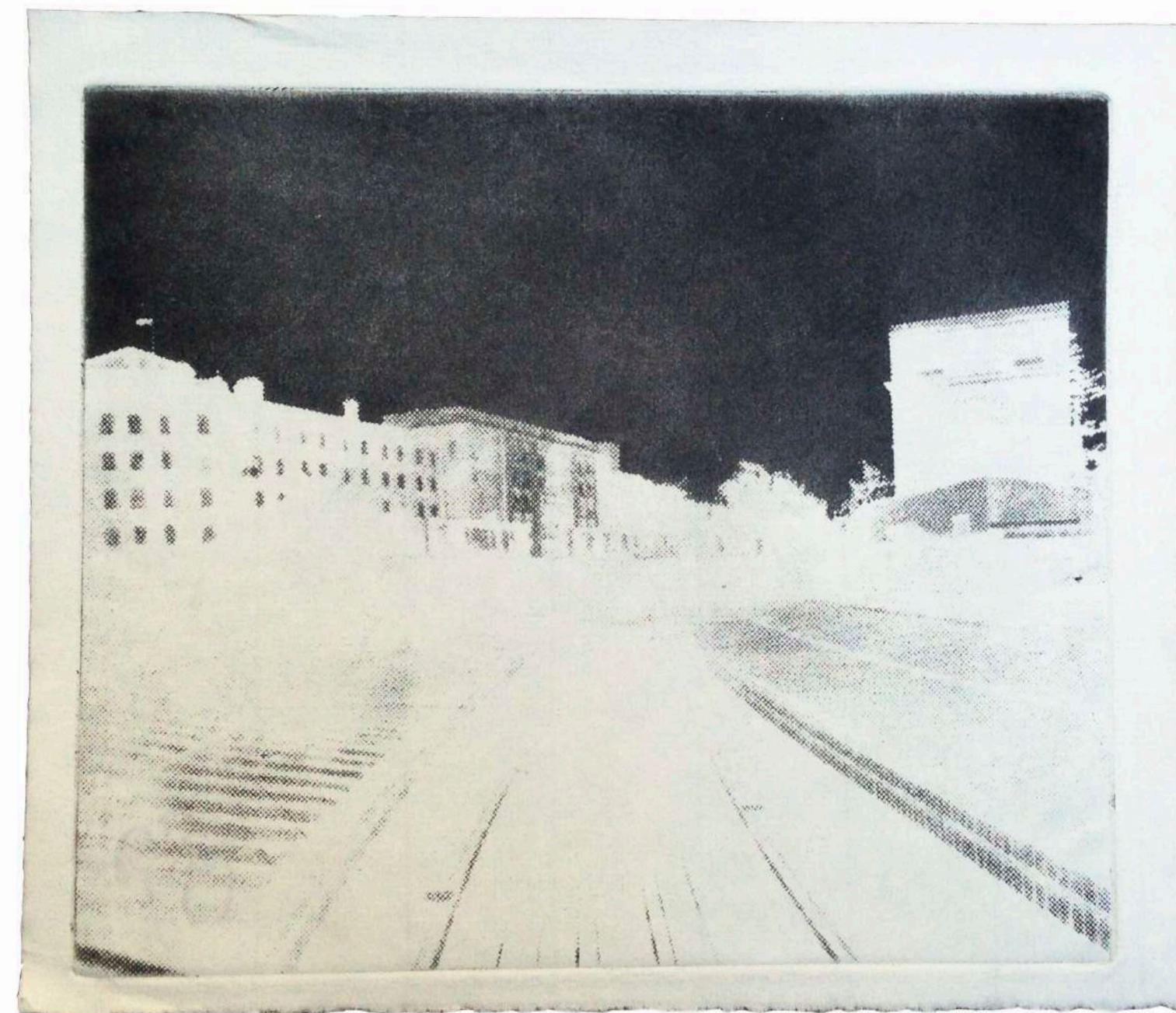




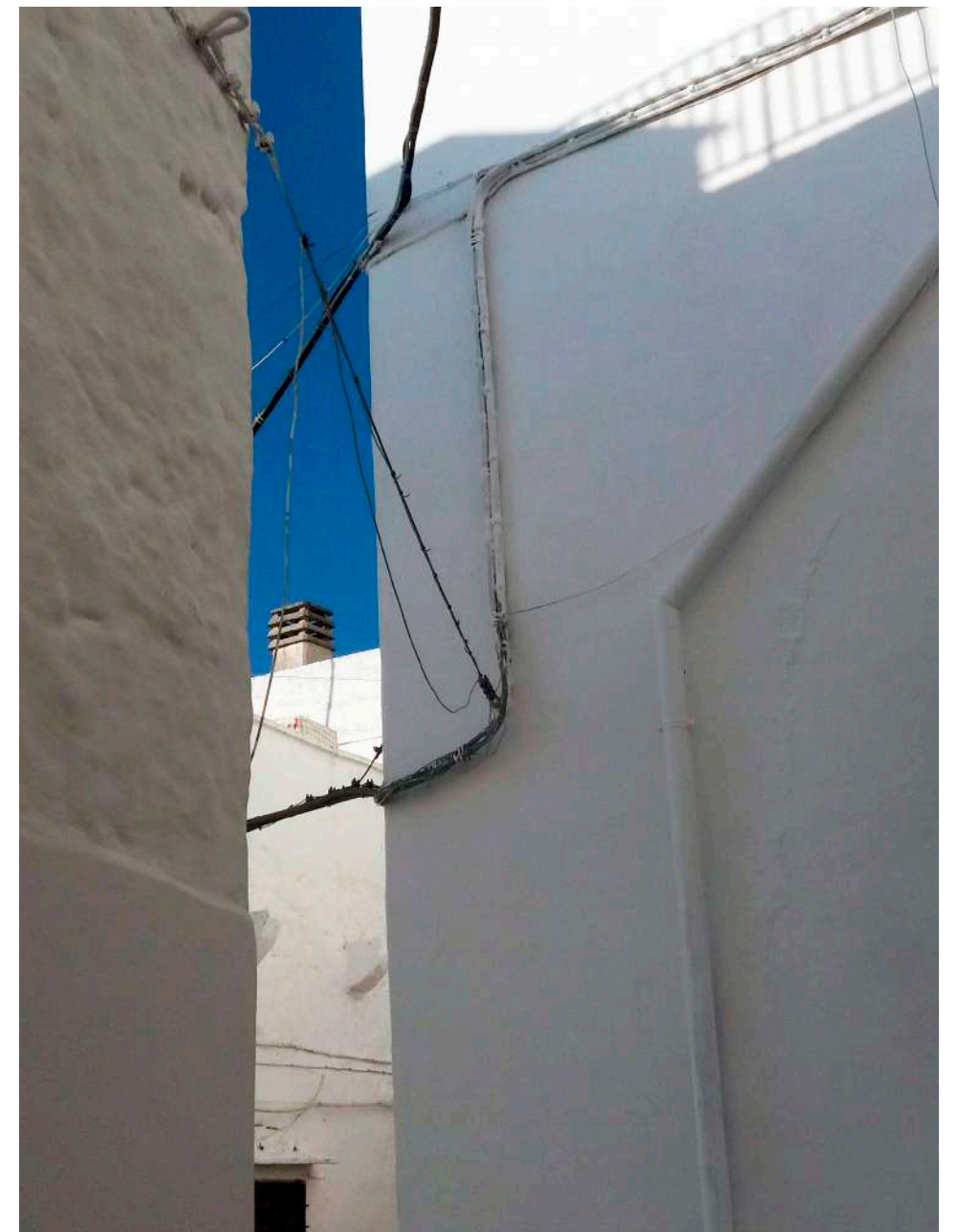


A paisagem que represento é como a interpreto; não há imparcialidade—recorto-a com o desenho do meu olhar, do meu caminhar. Nas gravuras em metal, salientar o local físico de onde estou desenhando é protocolar minha experiência como singular e intransferível, e, todavia, passível de ser registrada. Uma vez submetido a um recorte tanto técnico quanto ideológico, o olhar é construção social, cultural, exercitado na medida em que o corpo se *territorializa*.





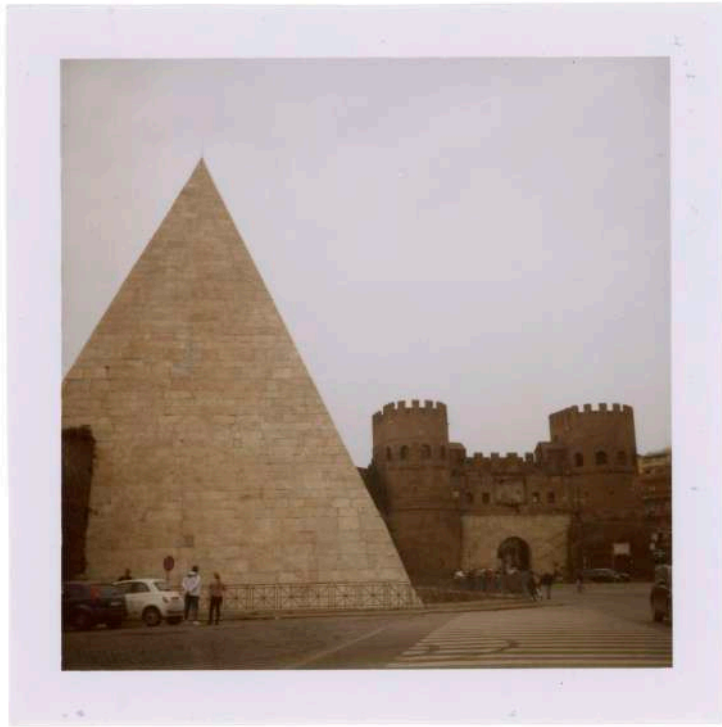
A fotografia é minha base de figuração, de abstração – seja nas analógicas ou digitais, nunca lhes exigi uma série fechada; a intenção é que venham despretensiosas para continuar ponteando trabalhos futuros. Vem como forma entender o lugar, tramitar entre o familiar e o estrangeiro. Posso desenhar com a objetiva de forma a trazer, intuitivamente, os fragmentos poéticos que vêm me atravessando: a mancha, a linha, a colagem como fundamentos da paisagem.





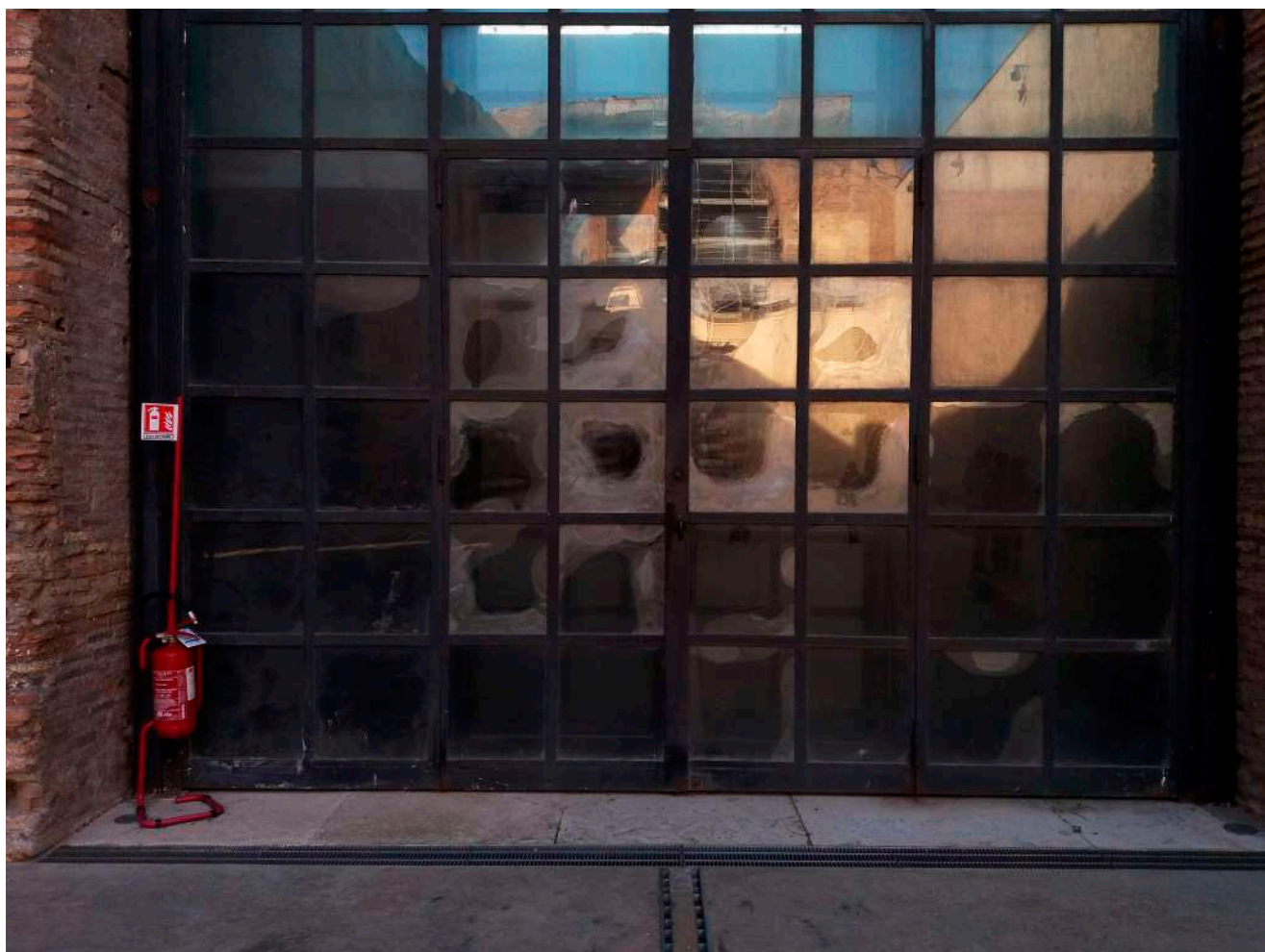






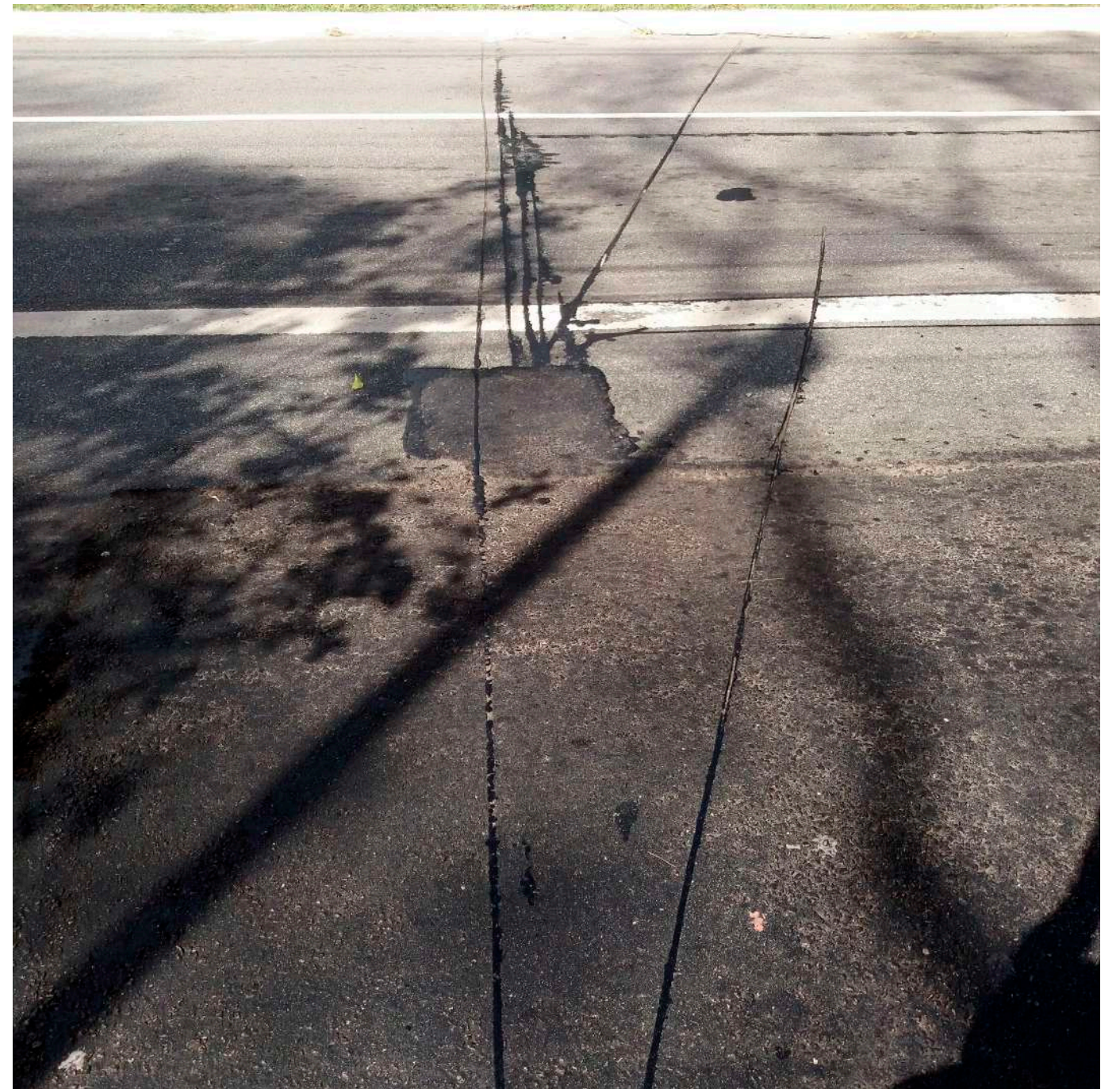
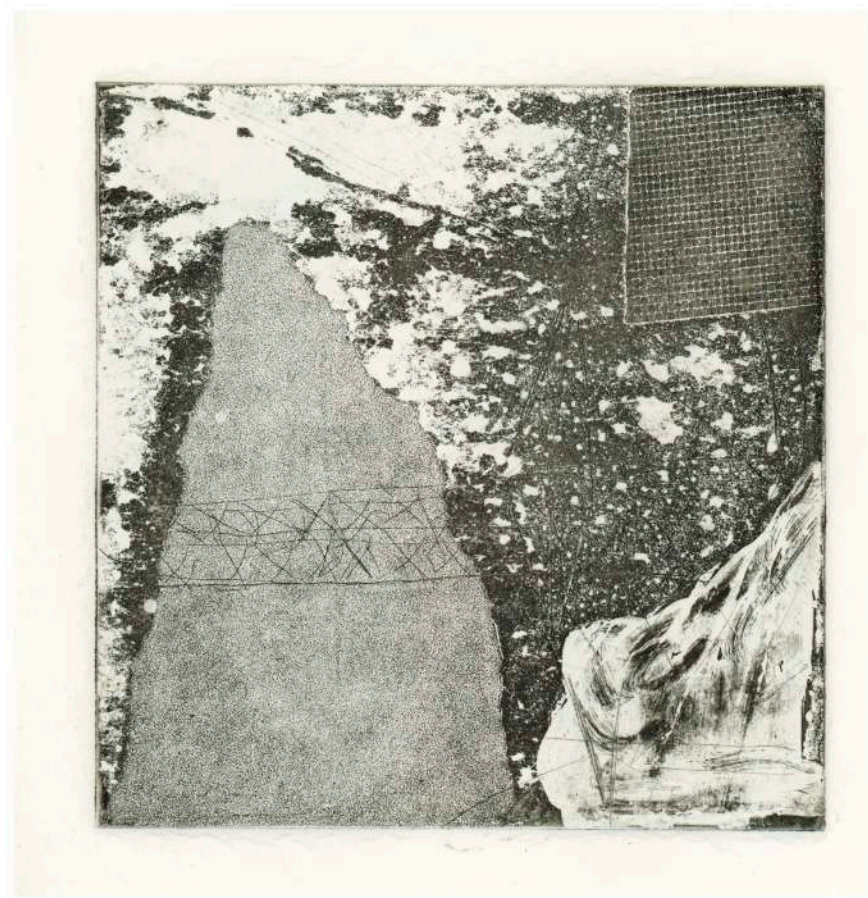


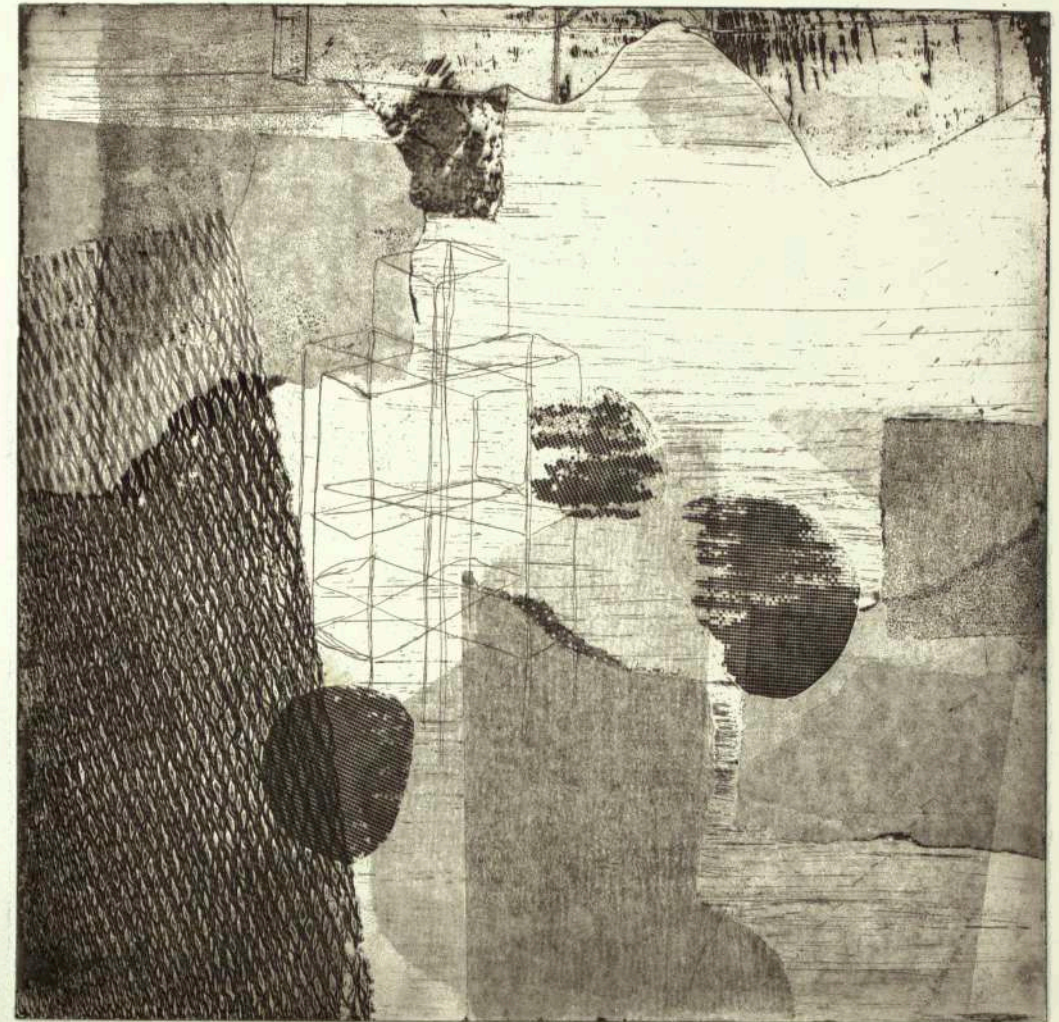




Experiência vem do latim *experientia*, que são: “ex” (fora), “peri” (perímetro, limite) e “entia” (ação de conhecer, aprender). A experiência estética pode atravessar como uma linha – trêmula ou firme, pesada ou leve, intensa ou porosa; é tomada de posição assertiva, presença marcada, mas vibra, é matéria sempre em gênese. A mancha talvez seja mais acidental, lenta e perene; menos *reversível*, mas, da mesma maneira, tece um limite, beira, segrega, é instrumento de mediação entre interior e exterior.









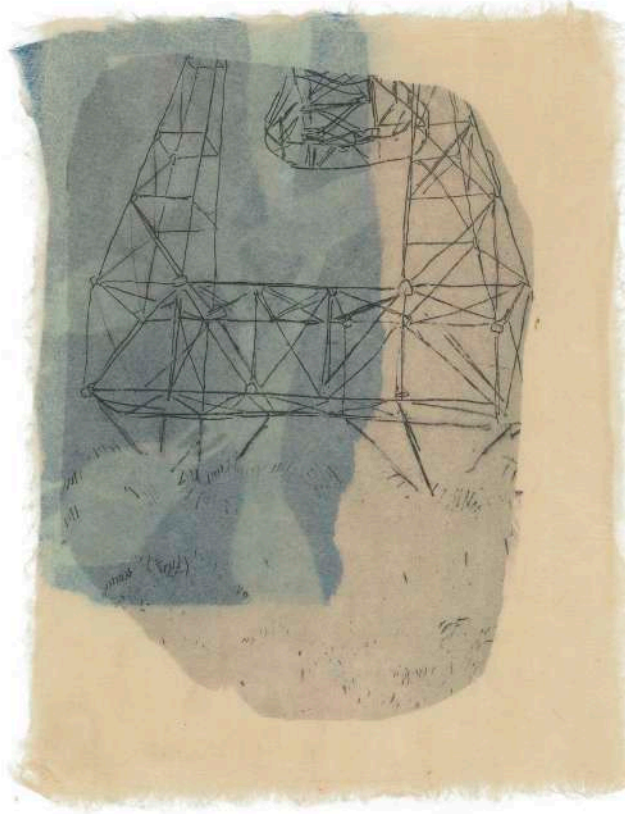
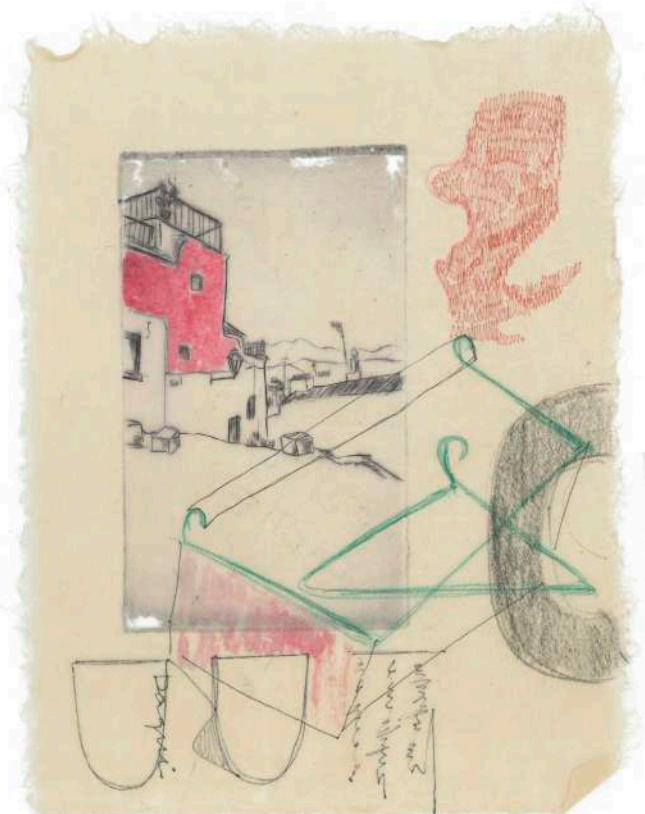
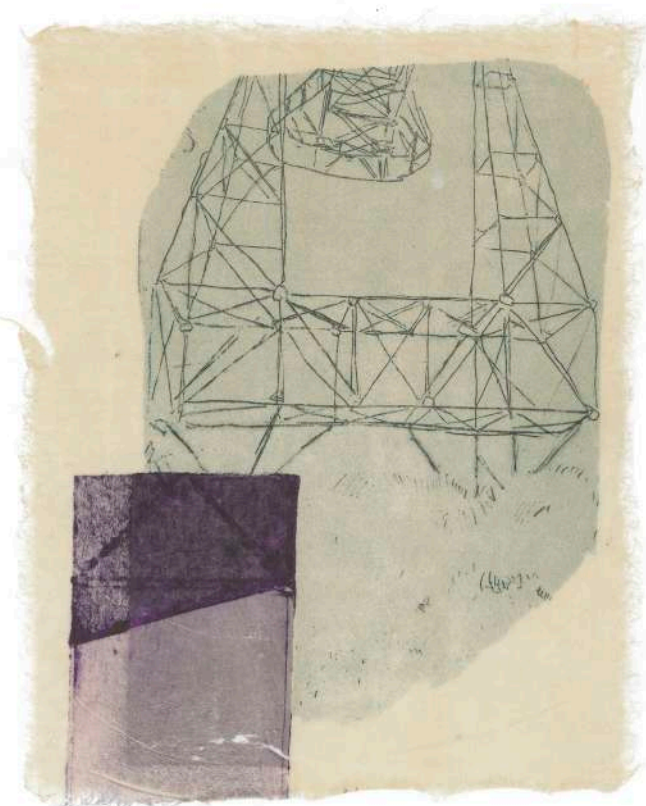
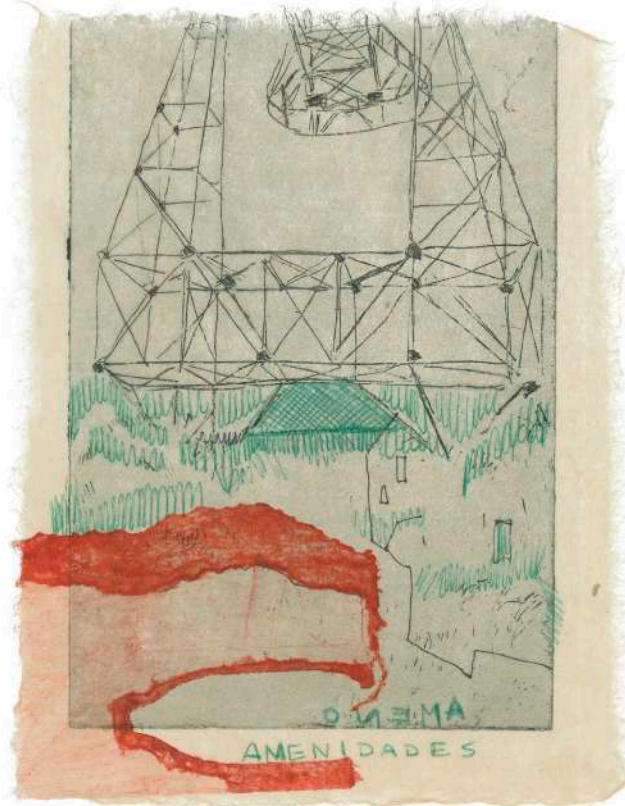
No contexto da *corpografia* de um território – em outras palavras, a marca que o lugar imprime no corpo de cada um que o experimenta – o desenho está no deslocamento, na percepção do espaço, no alcance físico e afetivo das coisas, dos lugares. Entre os trabalhos apresentados, a cidade se revela como lugar de passagem, concomitância e contingência; ressignificamos suas paisagens a cada vez que participamos delas.

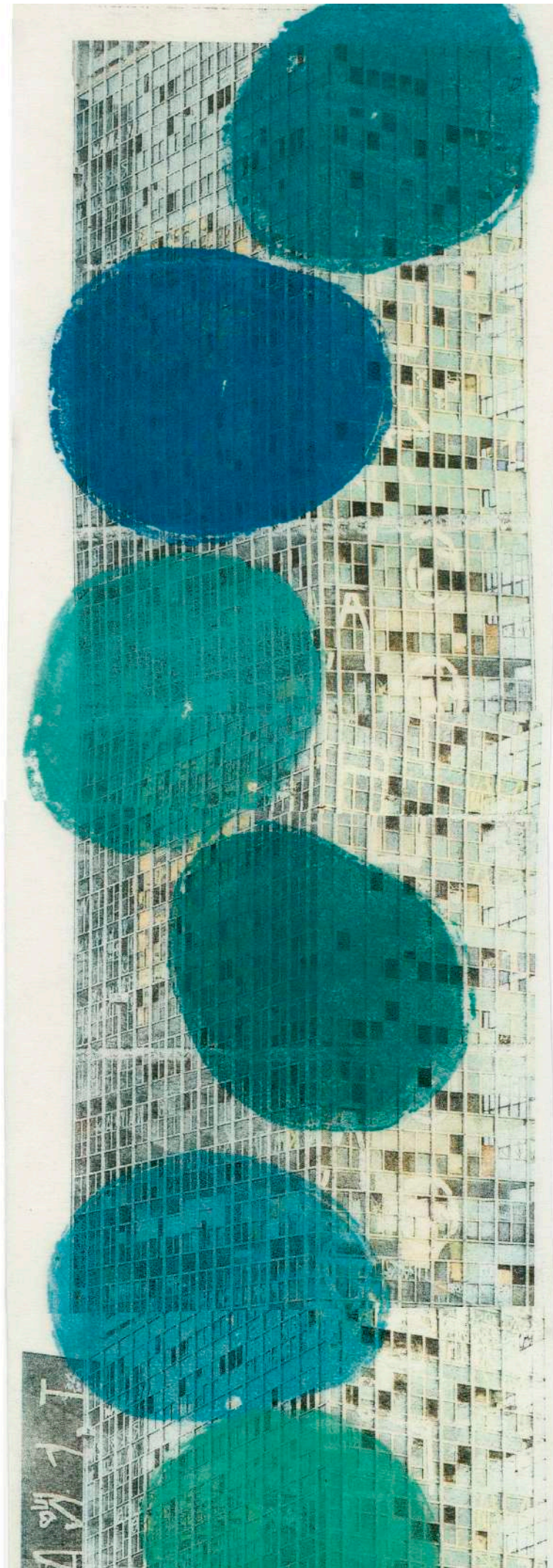




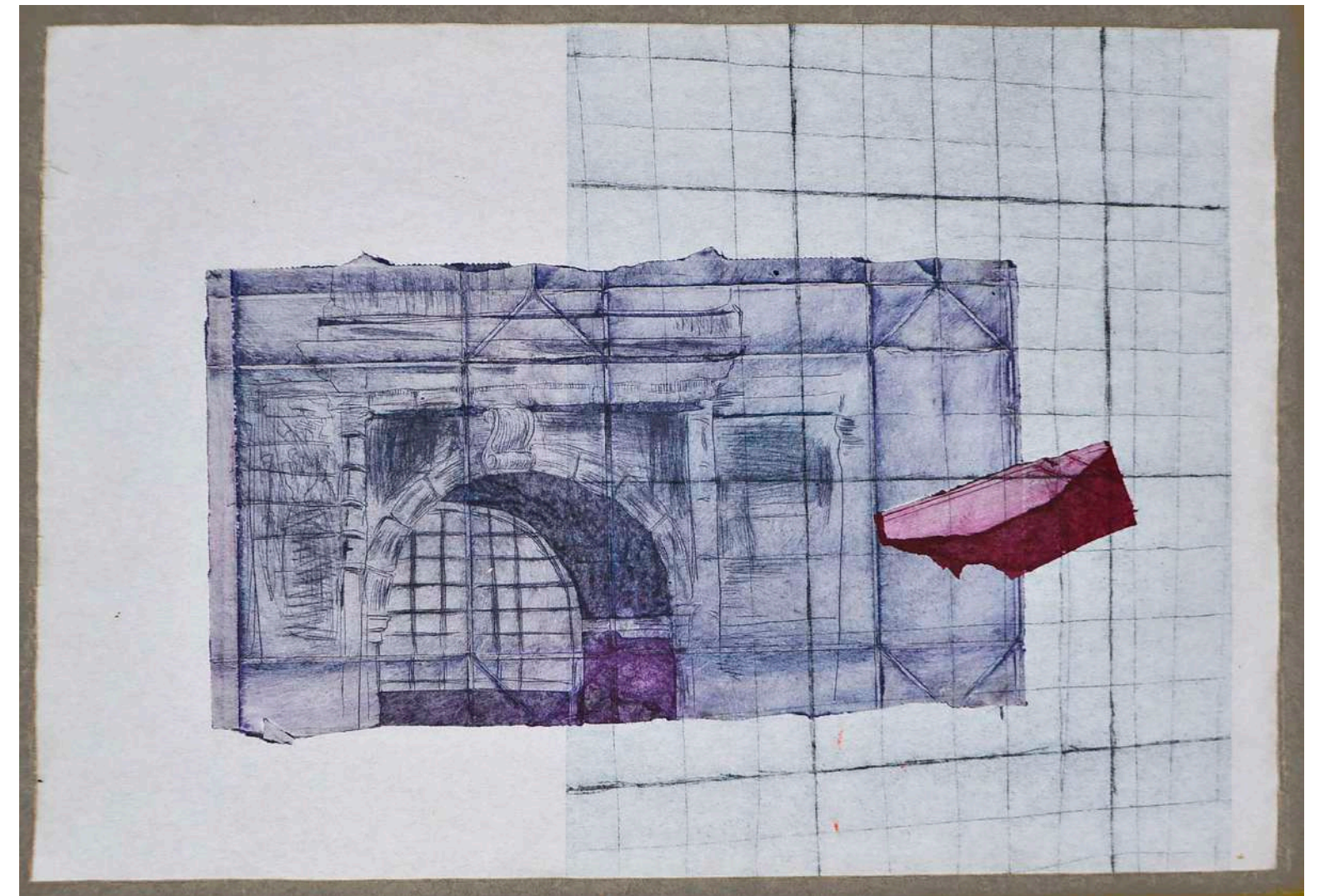


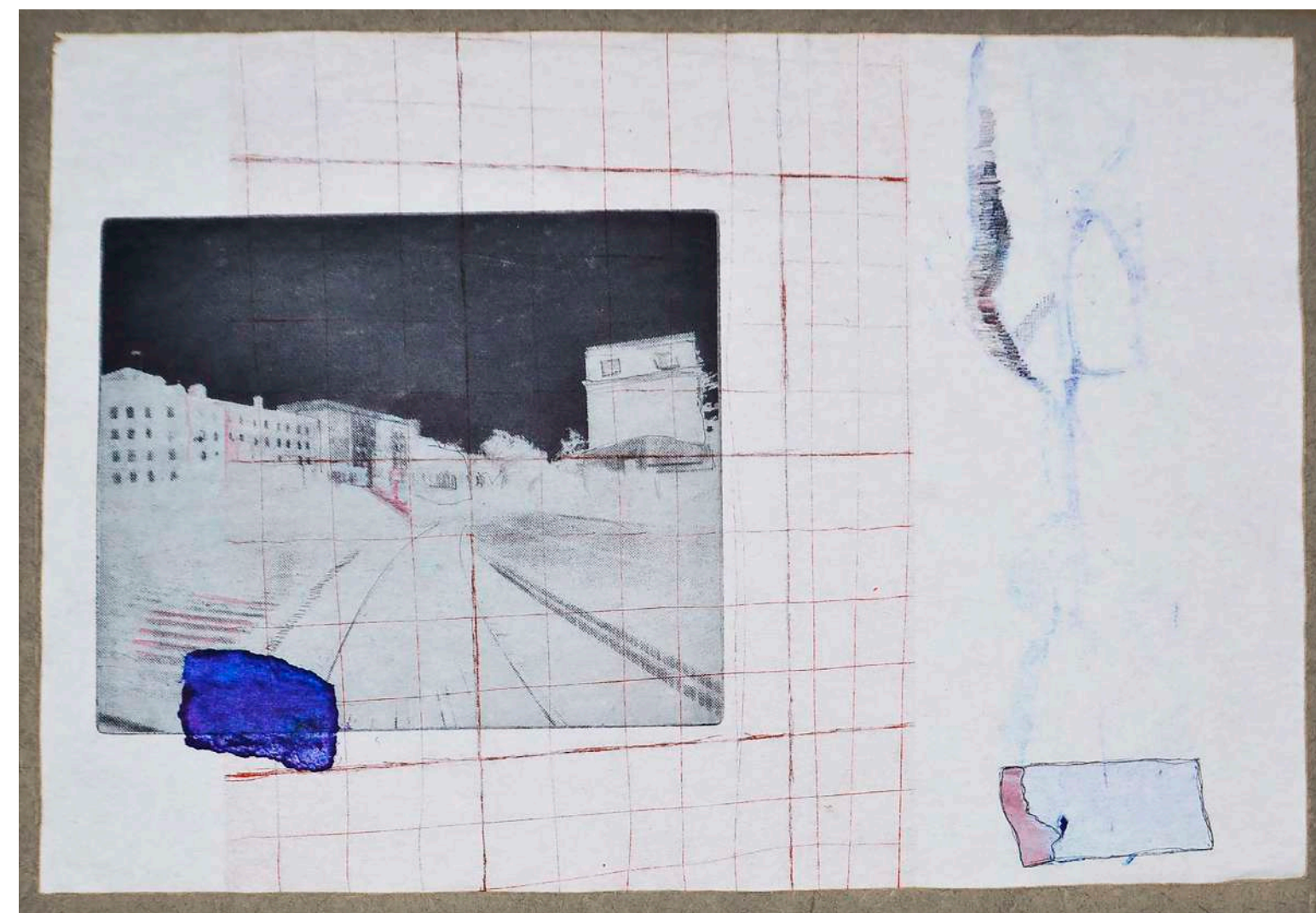
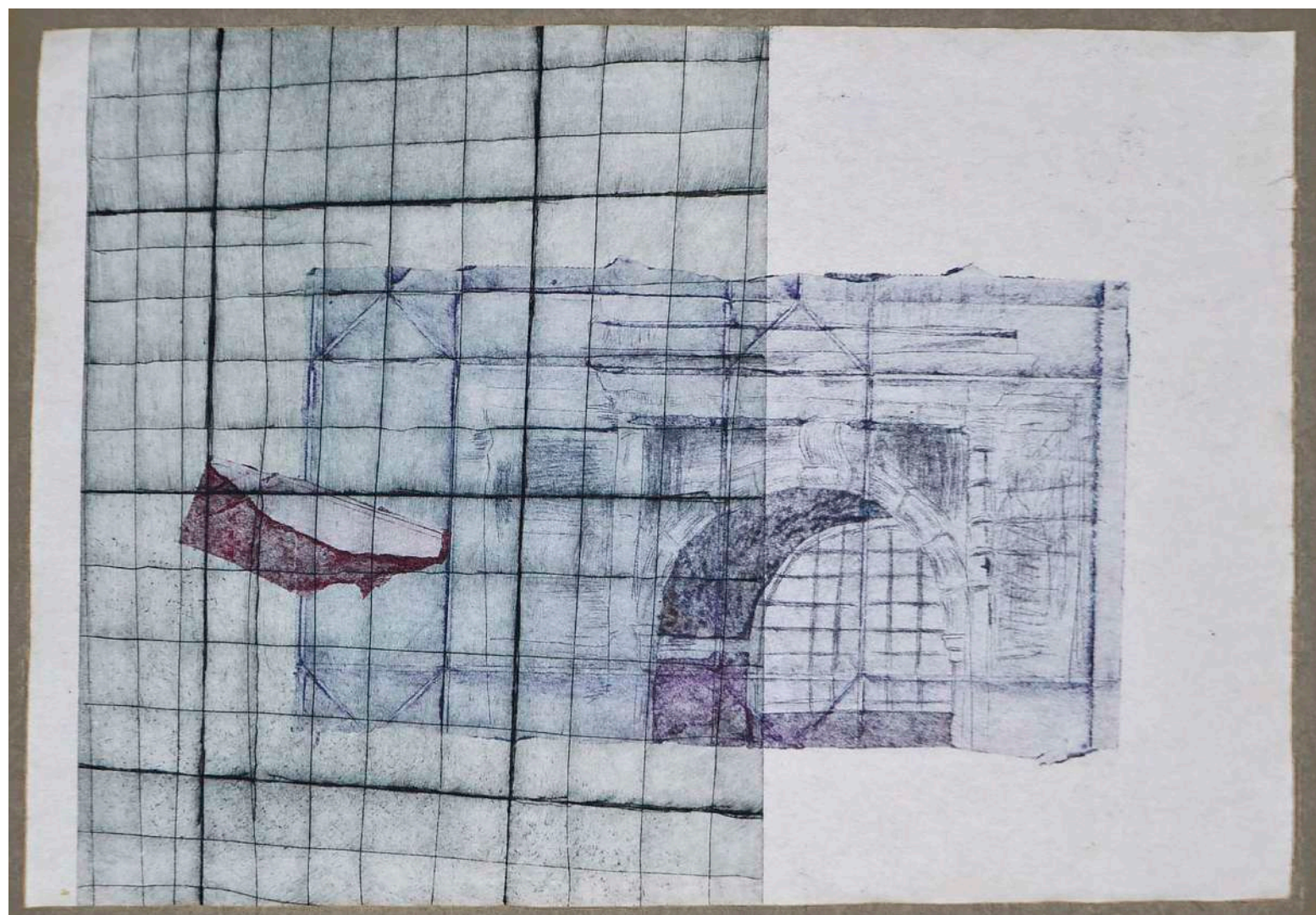
O predomínio, senão a totalidade das obras, é de técnicas indiretas. A nível formal, a potencialidade do múltiplo de se rearranjar a outros contextos é um pouco o que a cidade gera em mim: a singularidade na serialidade, a originalidade na repetição, a novidade que o espaço público torna admissível.

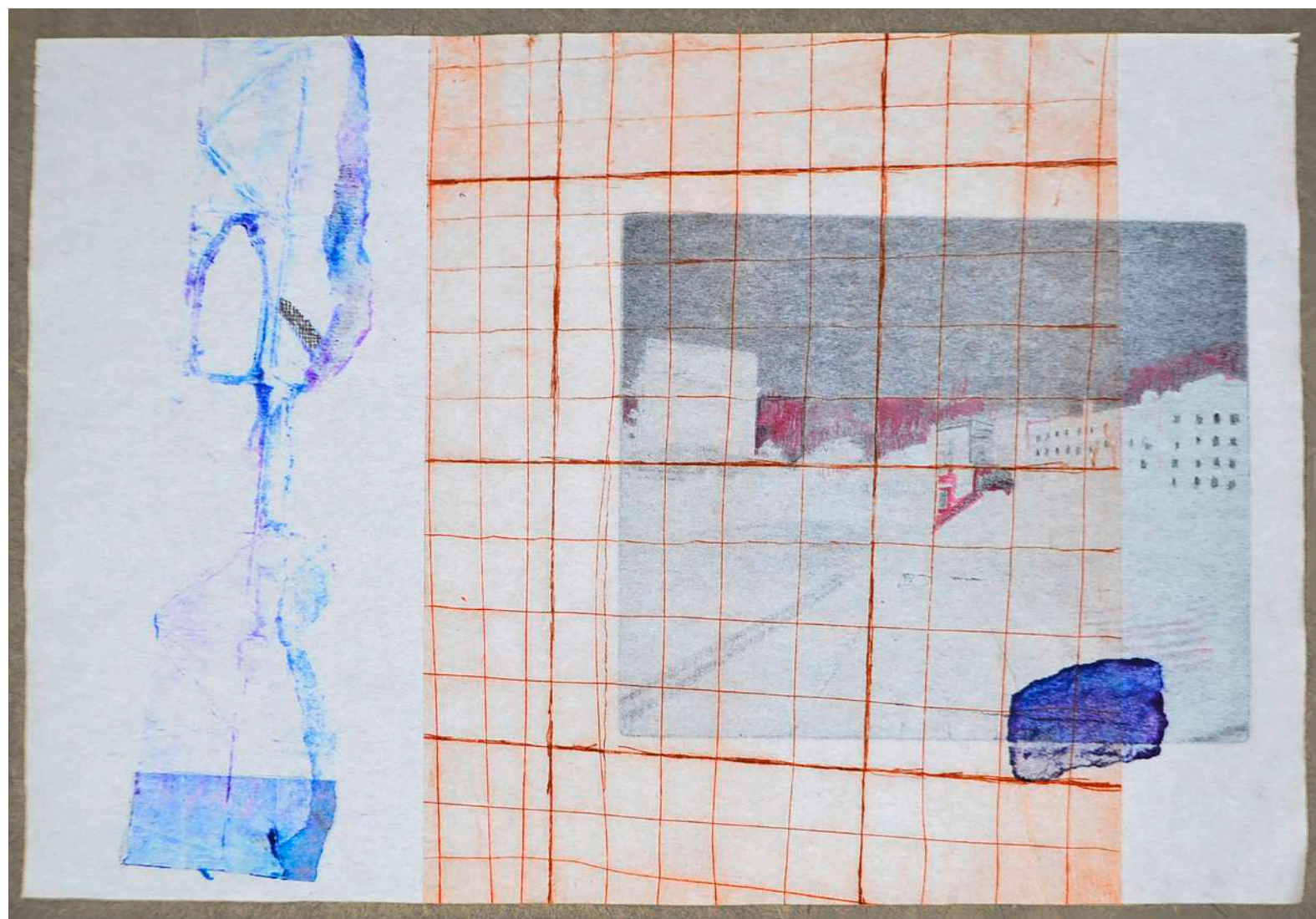




Séries: *Contra-face*

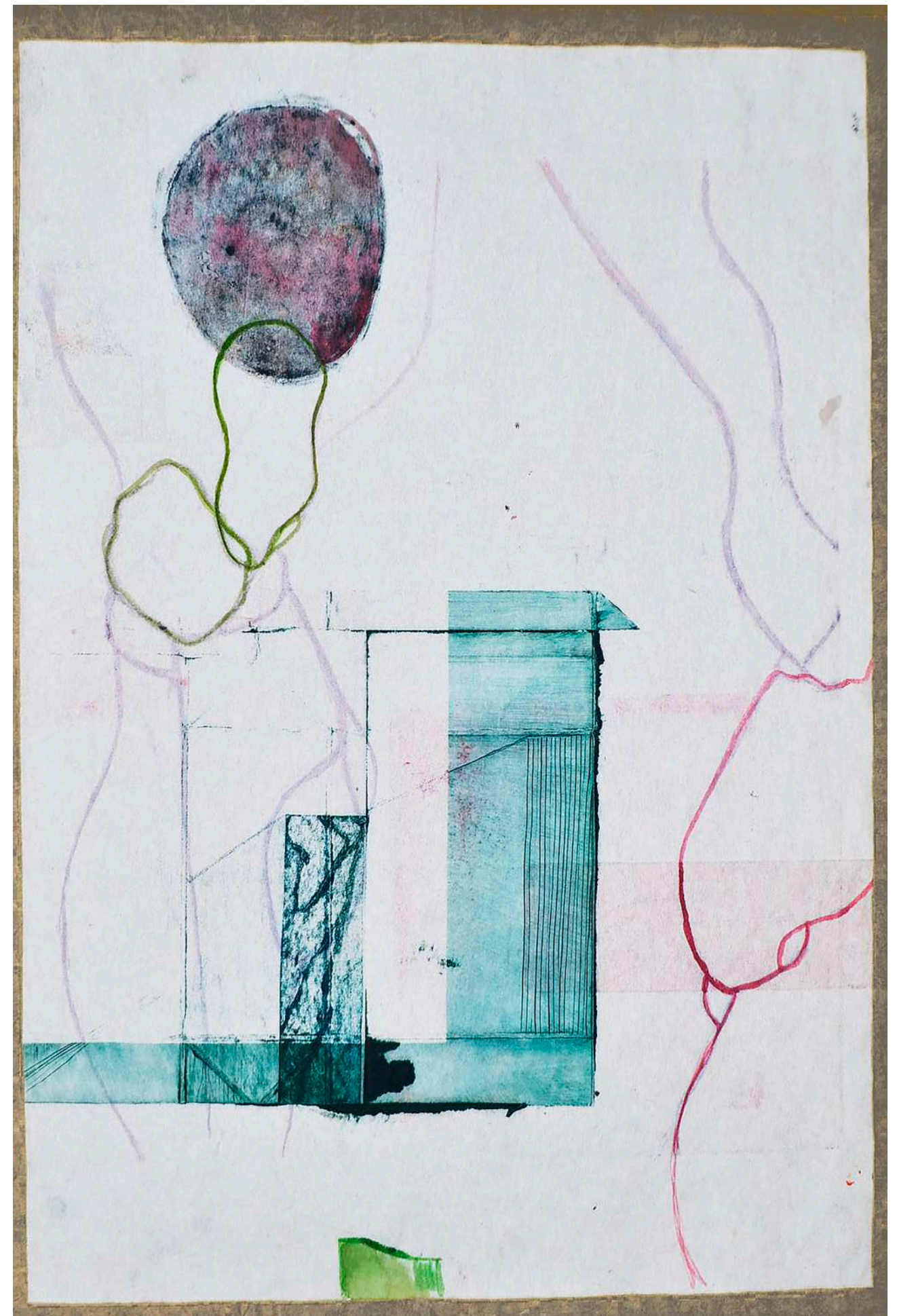


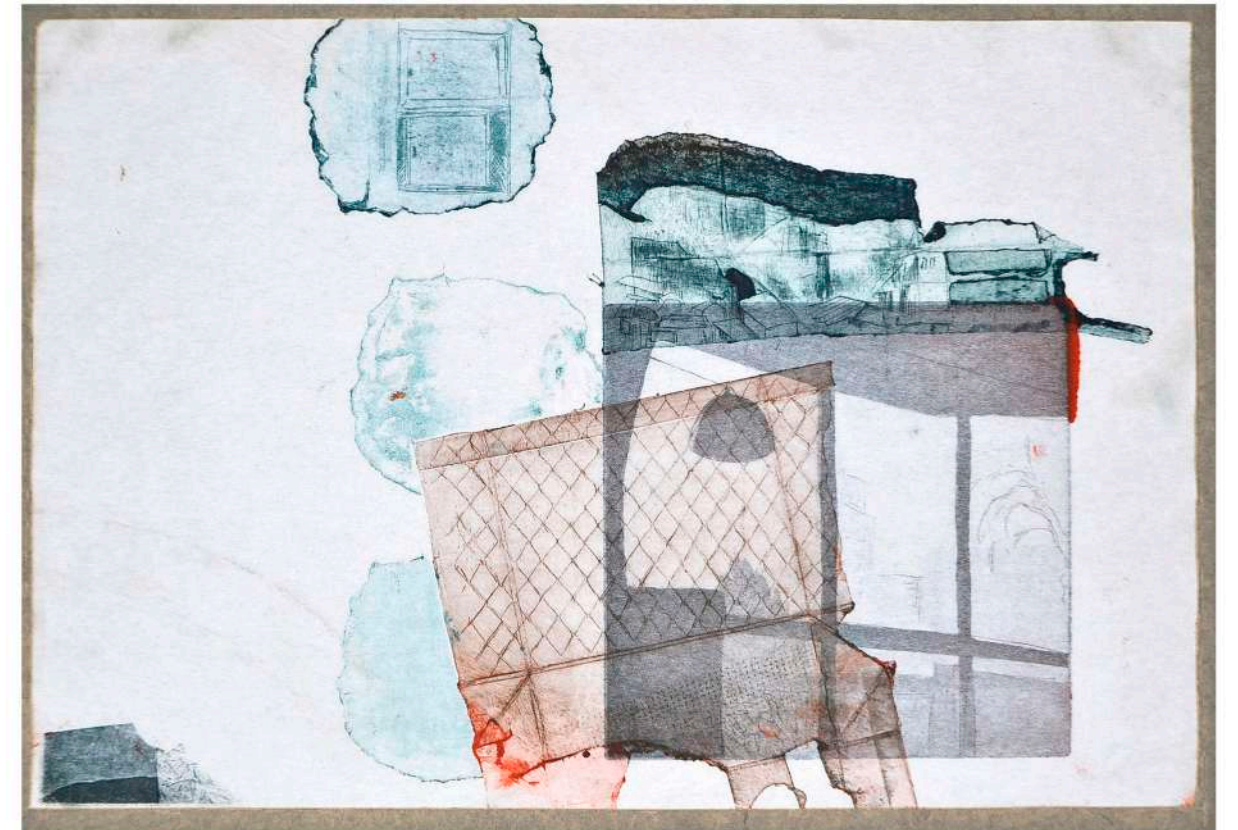


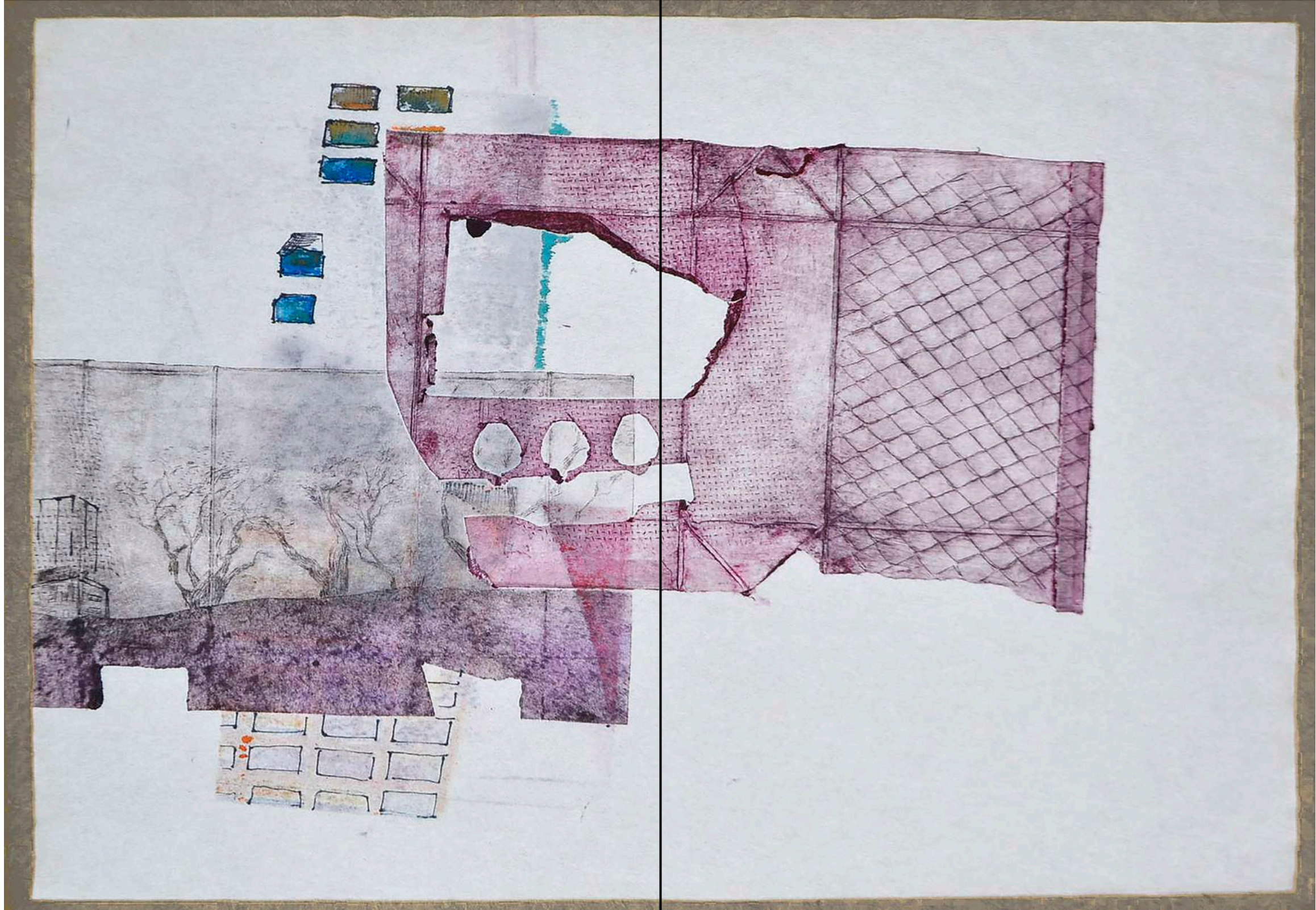


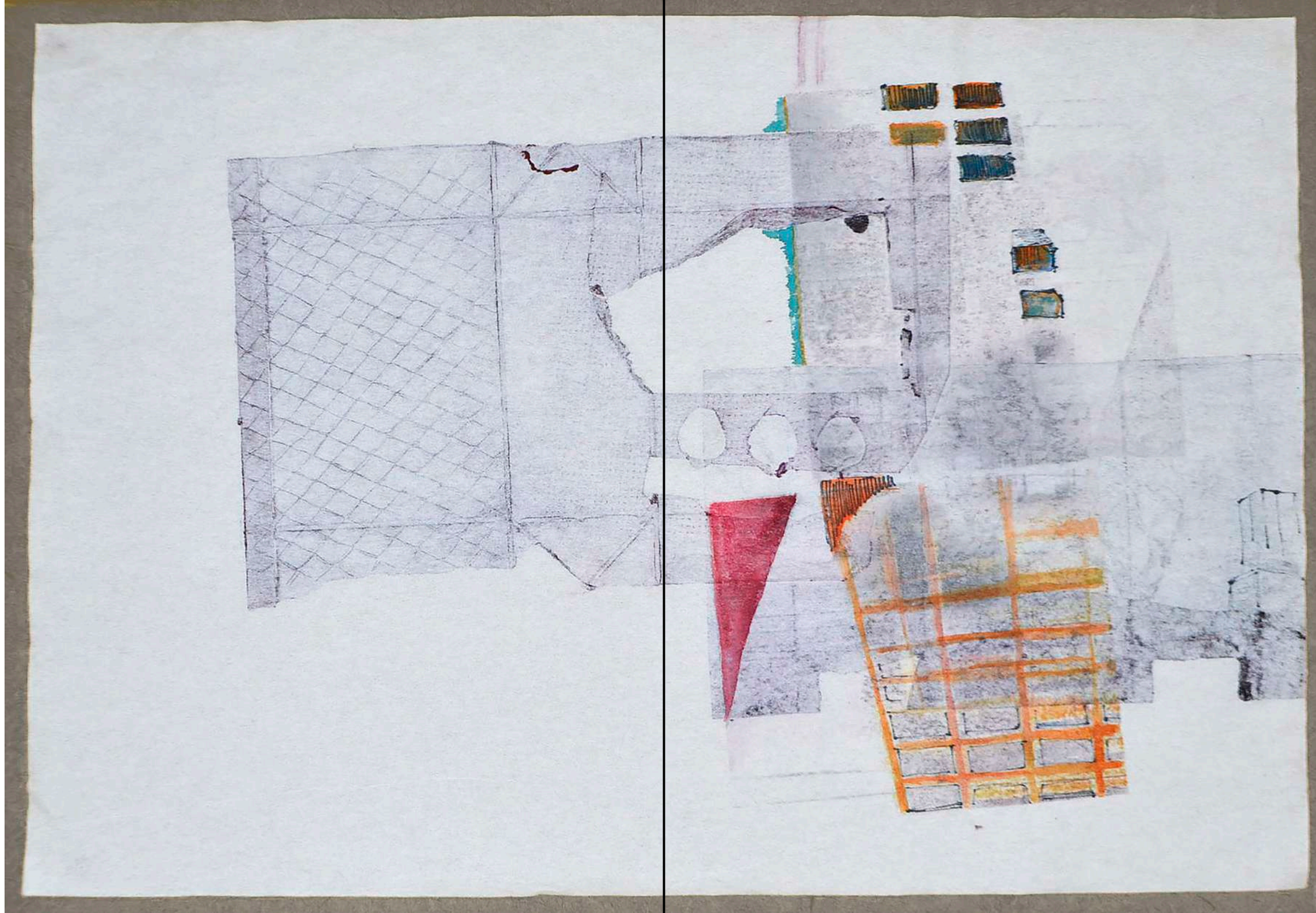
Contra-face marca um ponto de inflexão, num rearranjo póstumo, das gravuras em metal realizadas até então, por sua vez reimpressas ao lado de novas matrizes e explorando agora o campo da colagem.

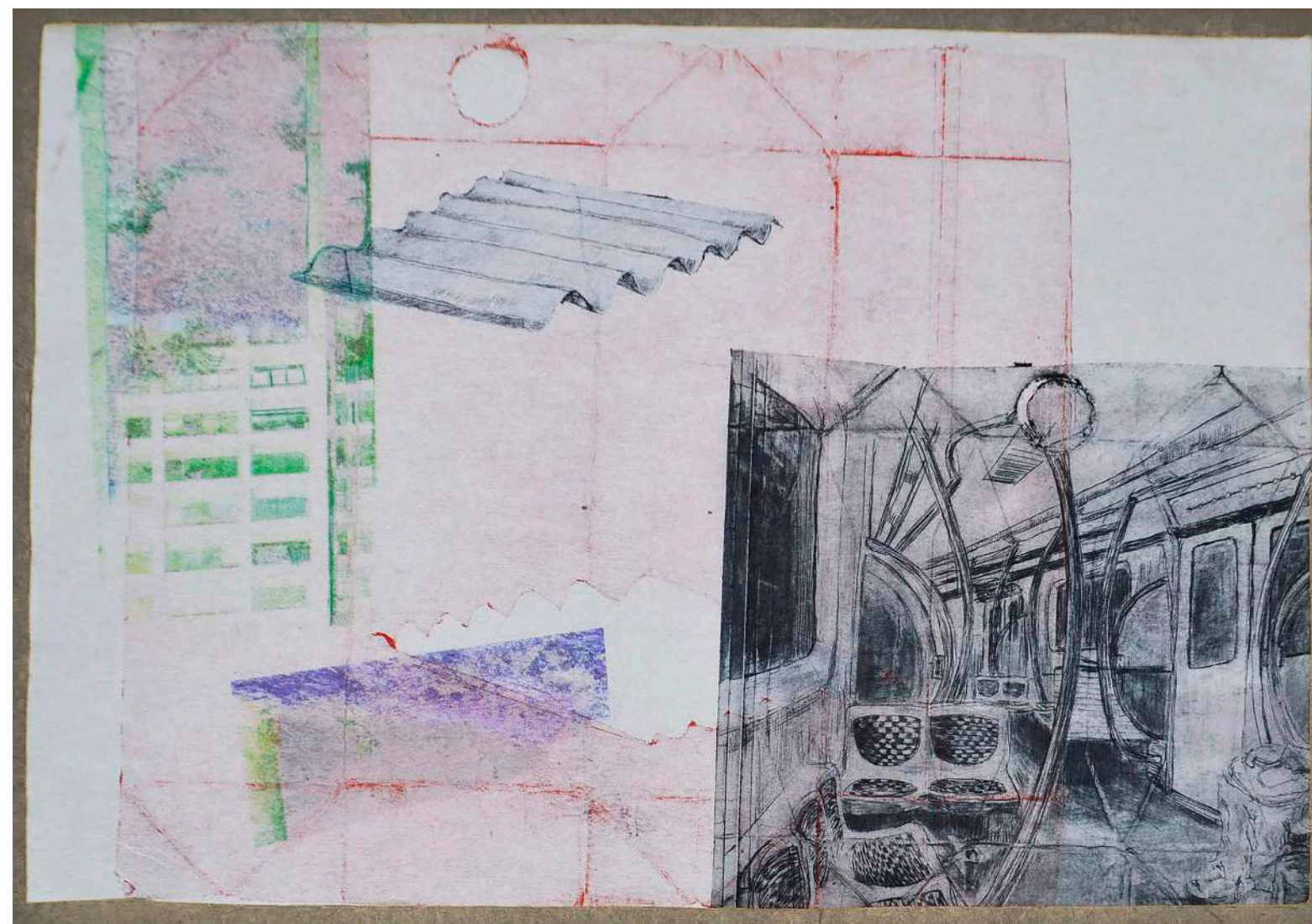
A cidade vive em meus trabalhos enquanto colagem. Colagem é entendida aqui não no senso comum da fotomontagem ou ato de recortar e colar, mas enquanto poética de associar imprevistos, aproximar realidades distantes, encontrar novas relações de contiguidade, fazer conversar manchas e vazios. Gravados em embalagens cartonadas, cobre, madeira, etc., são fragmentos urbanos de baixa densidade, aparecem e quase desaparecem. É também verdade que aqui a colagem opera como *velatura*; a informação de uma face está a todo tempo na iminência de invadir a outra. O ancestral se mistura com o atual, mas não há percurso lógico – a memória sempre deixa algo a desejar.

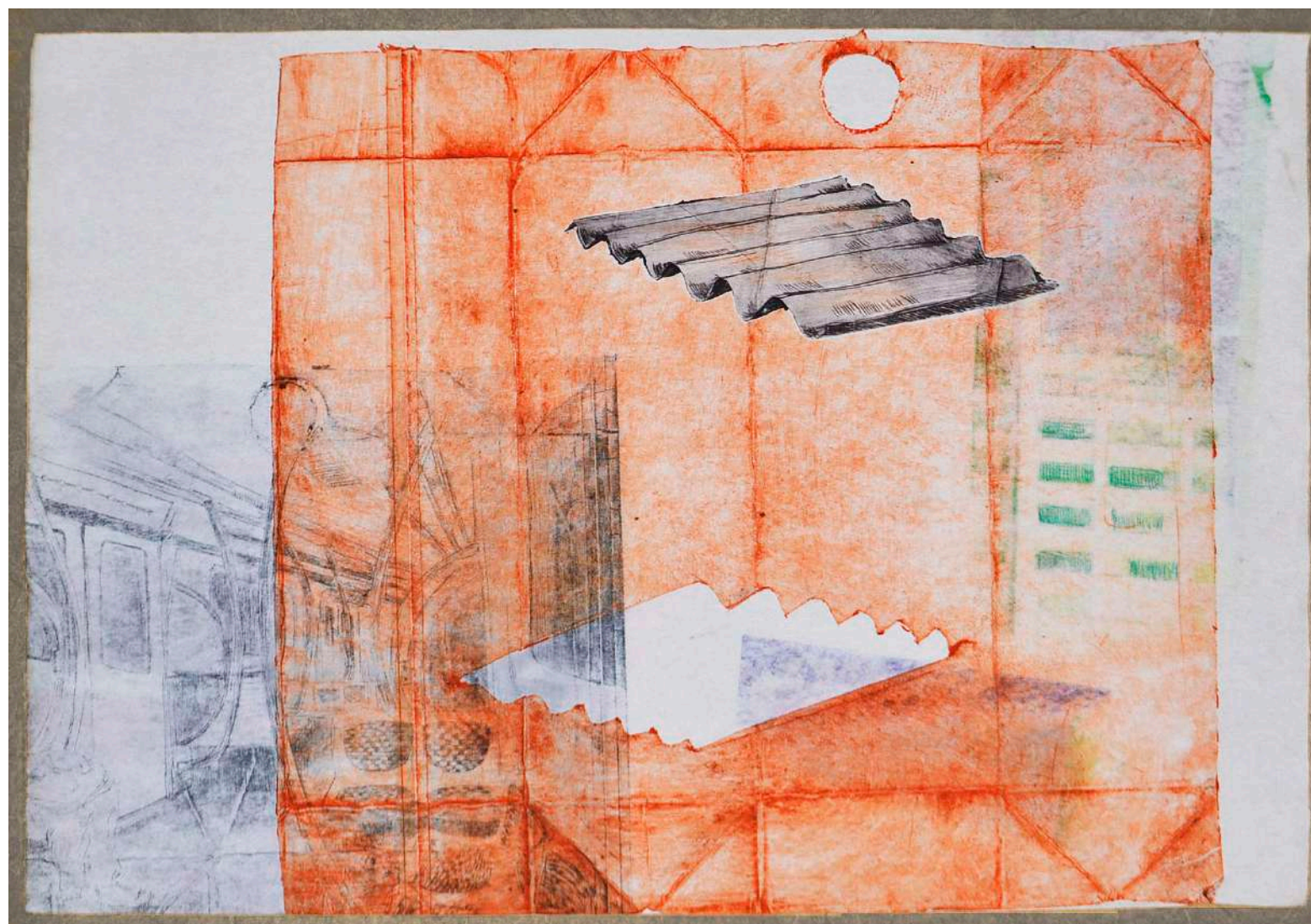




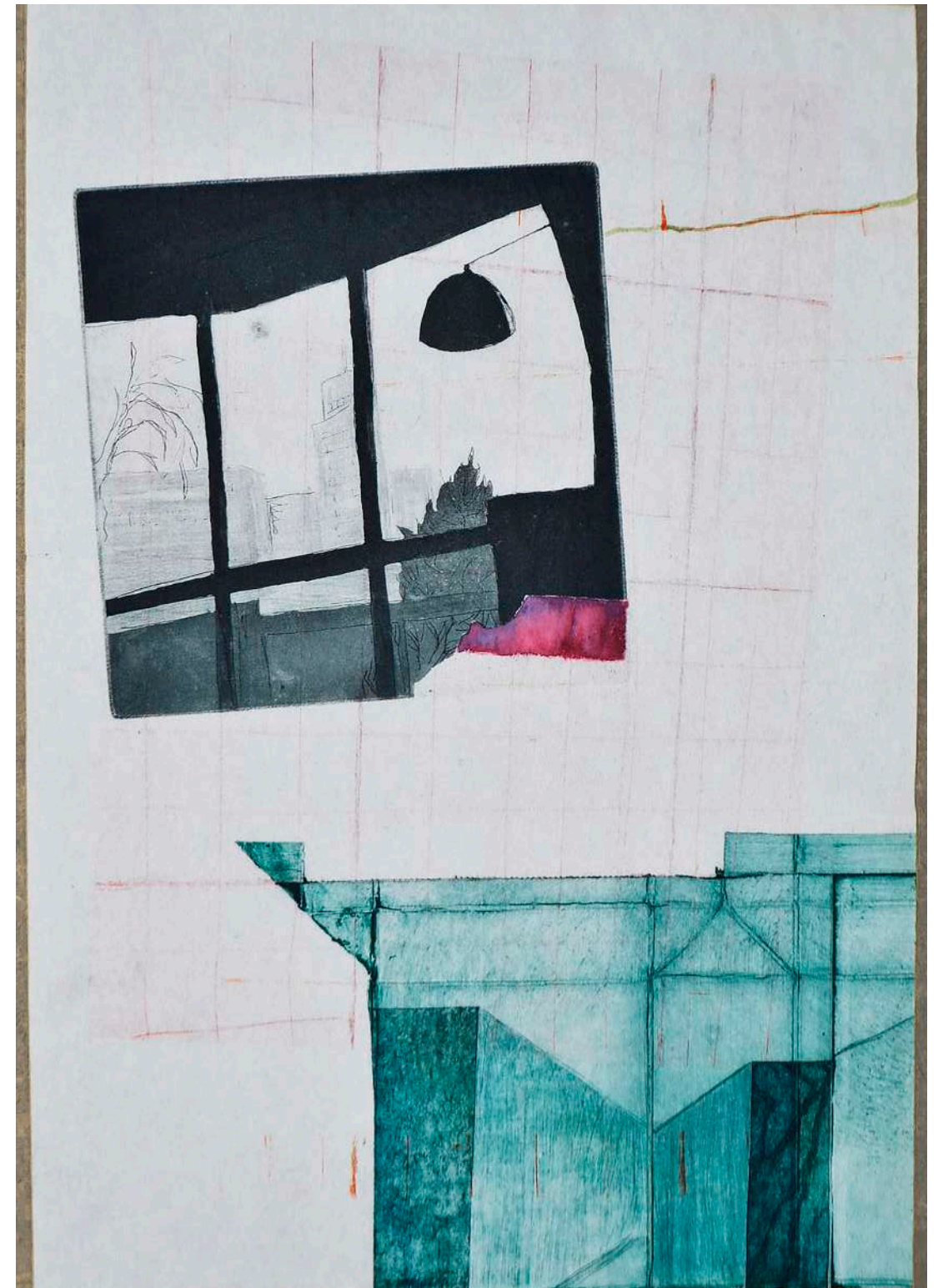


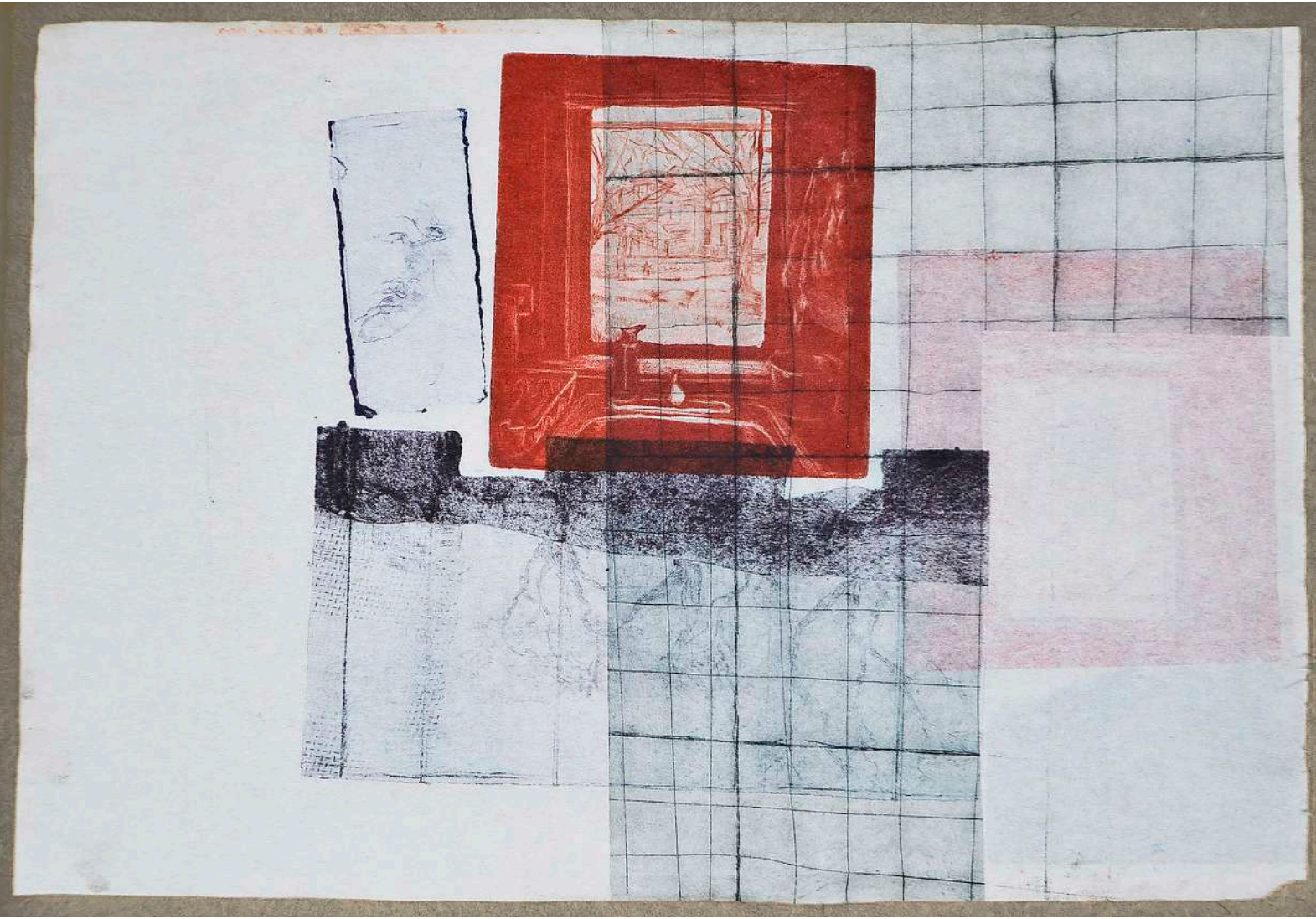


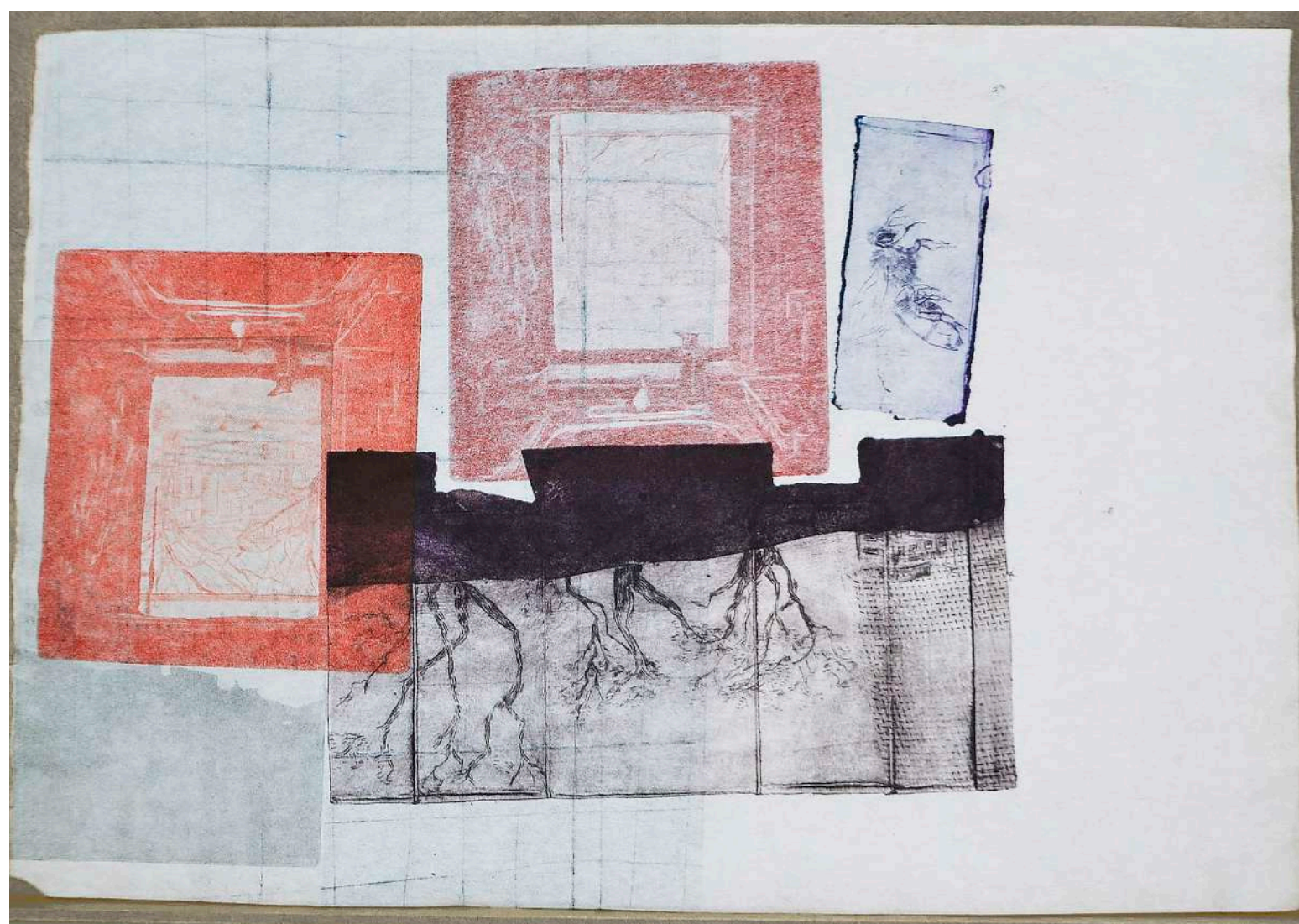




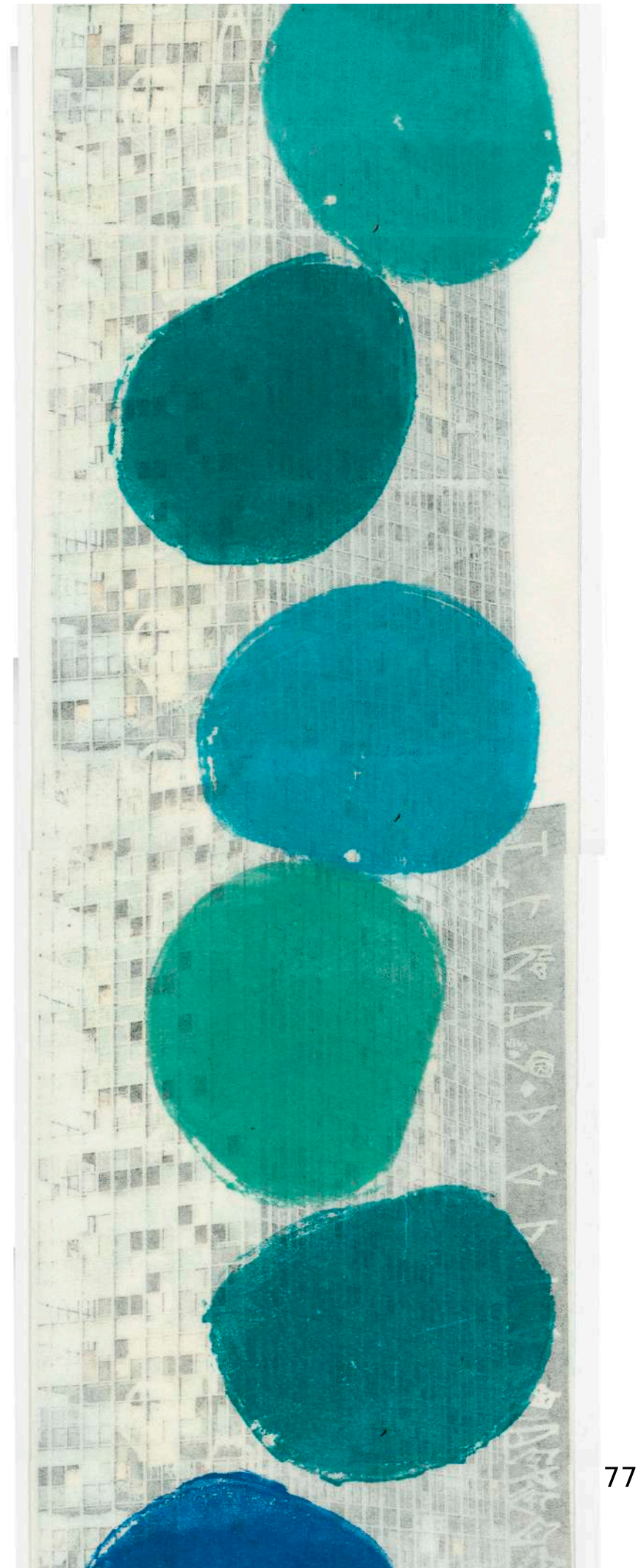
A dupla-face dos trabalhos trata não apenas das memórias individuais mas das contaminações entre as temporalidades coletivas, ligadas à classe e seu usufruto da cidade. Aparecem nos ecos de um território saturado de movimentos urbanos, mudanças de centros econômicos, avalanches de especulação imobiliária, reminiscências de bairros esvaziados; ruínas. Fantasma do outro e do ontem, um presente suspenso e habitado por muitos passados. As embalagens cartonadas, no meio de tudo isso, podem convidar-nos a um estágio pré – ou pós? – perspectico, para que dali possamos rearranjar, reerguer as coisas.







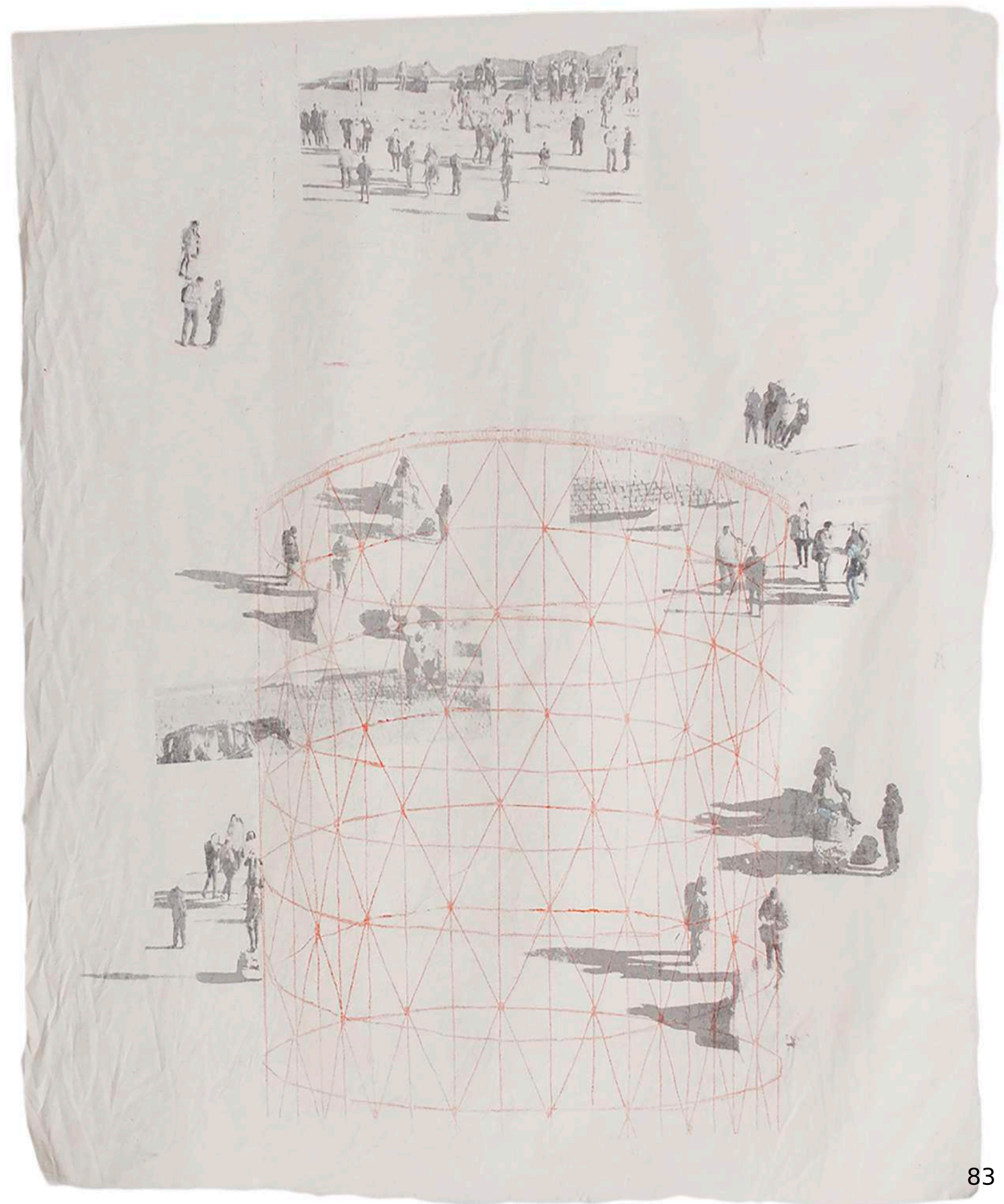
Séries: *Reticular*

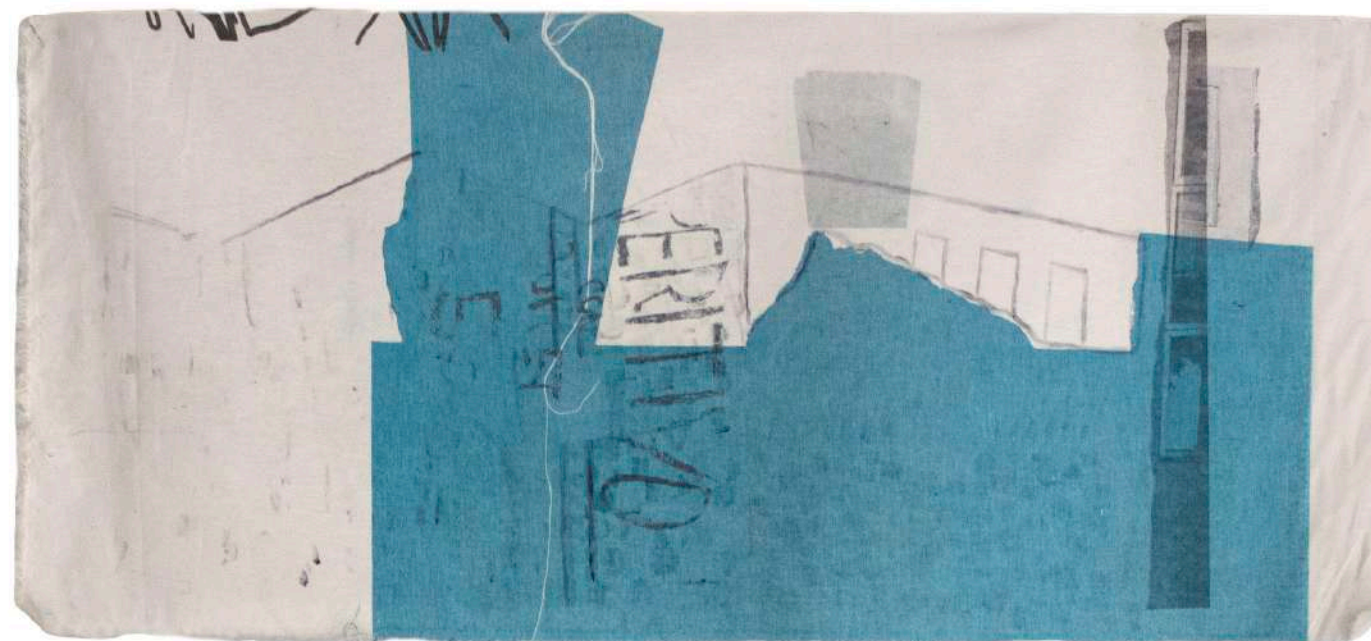
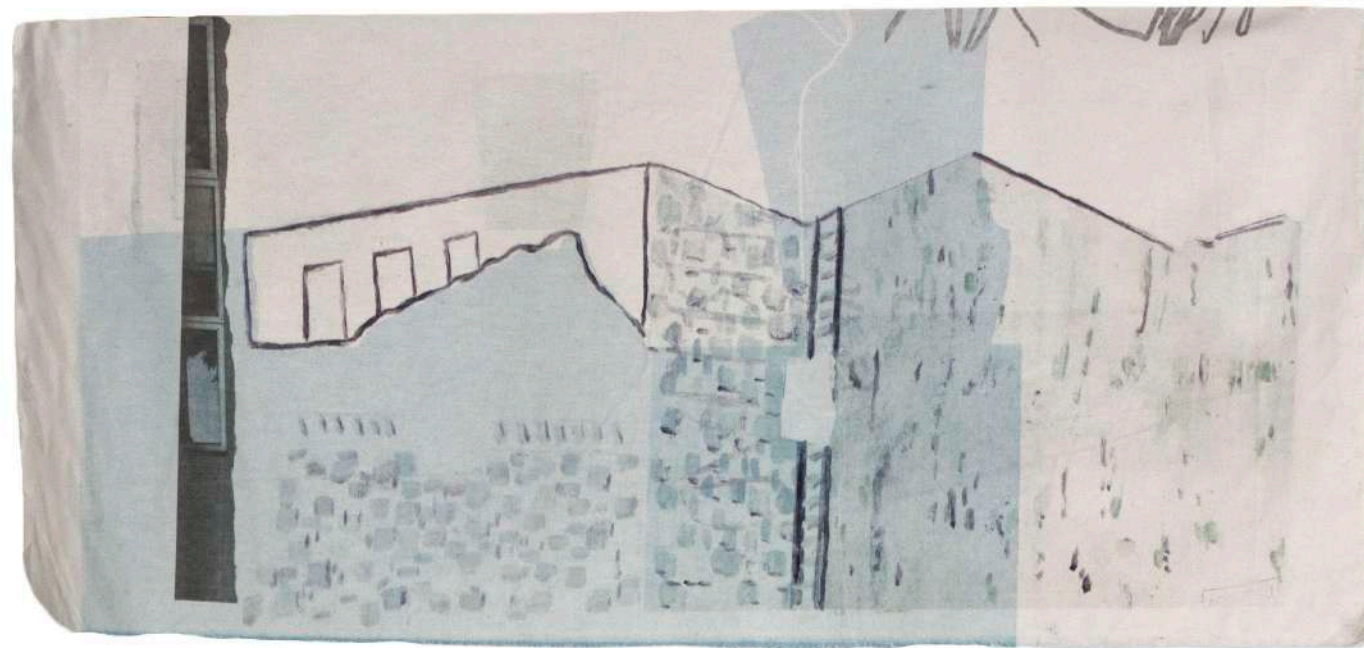
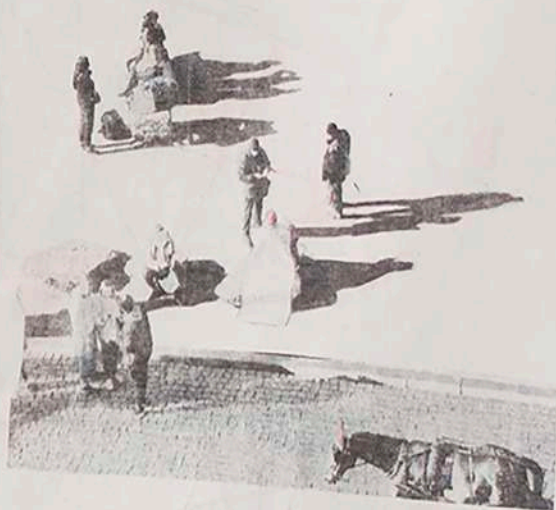


Reticular é tudo aquilo que tem a qualidade de rede. Pode ser empregado em seu termo médico como uma série de tecidos conectados, responsáveis pela troca de comandos e informações que percorre todo o corpo. Pode também ser utilizado segundo o ponto de vista urbanístico: toda e qualquer forma de se apropriar de determinado território circulando por um trajeto programado, lacunar, descontínuo, articulado de forma topológica, por linhas que levam a determinados pontos.

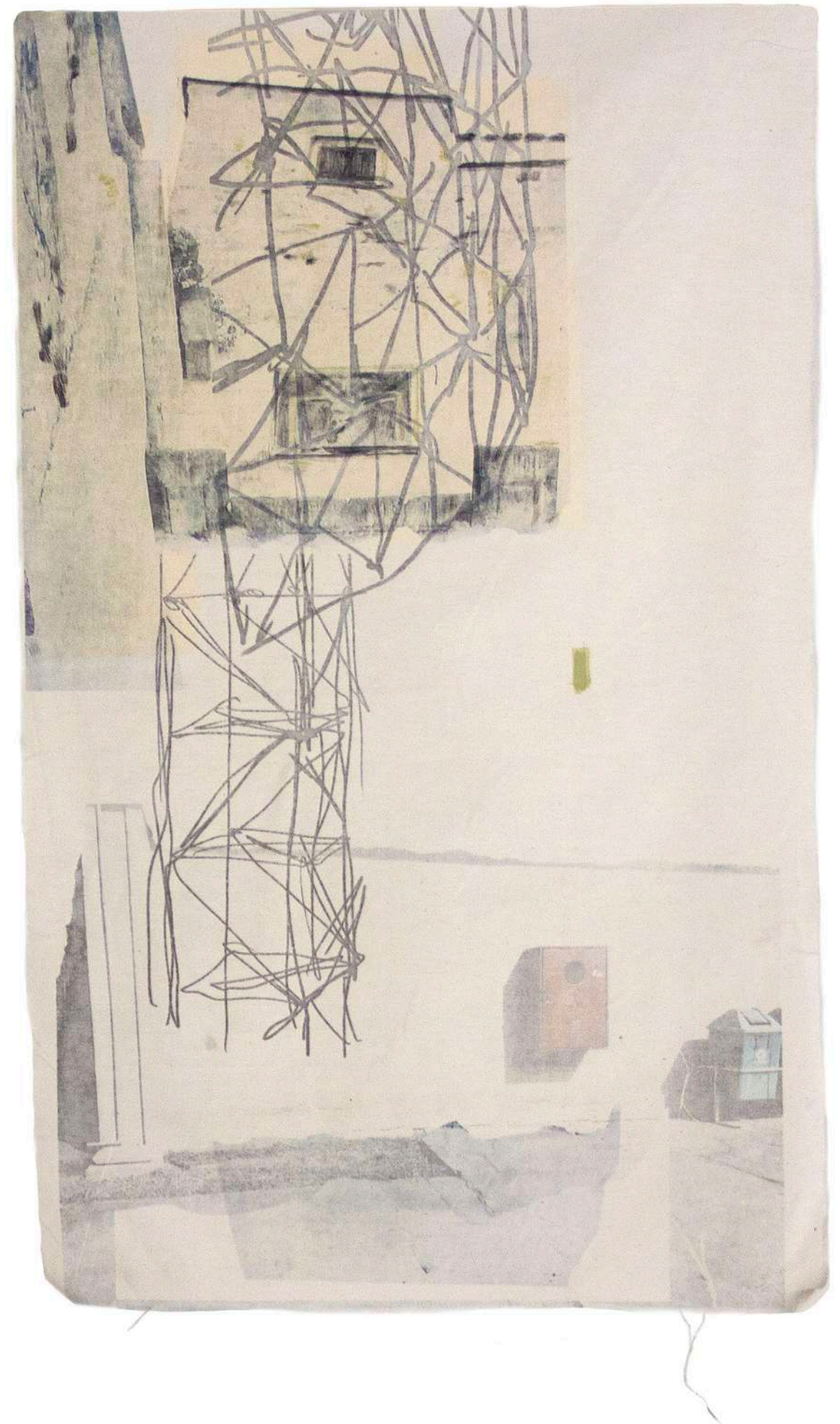
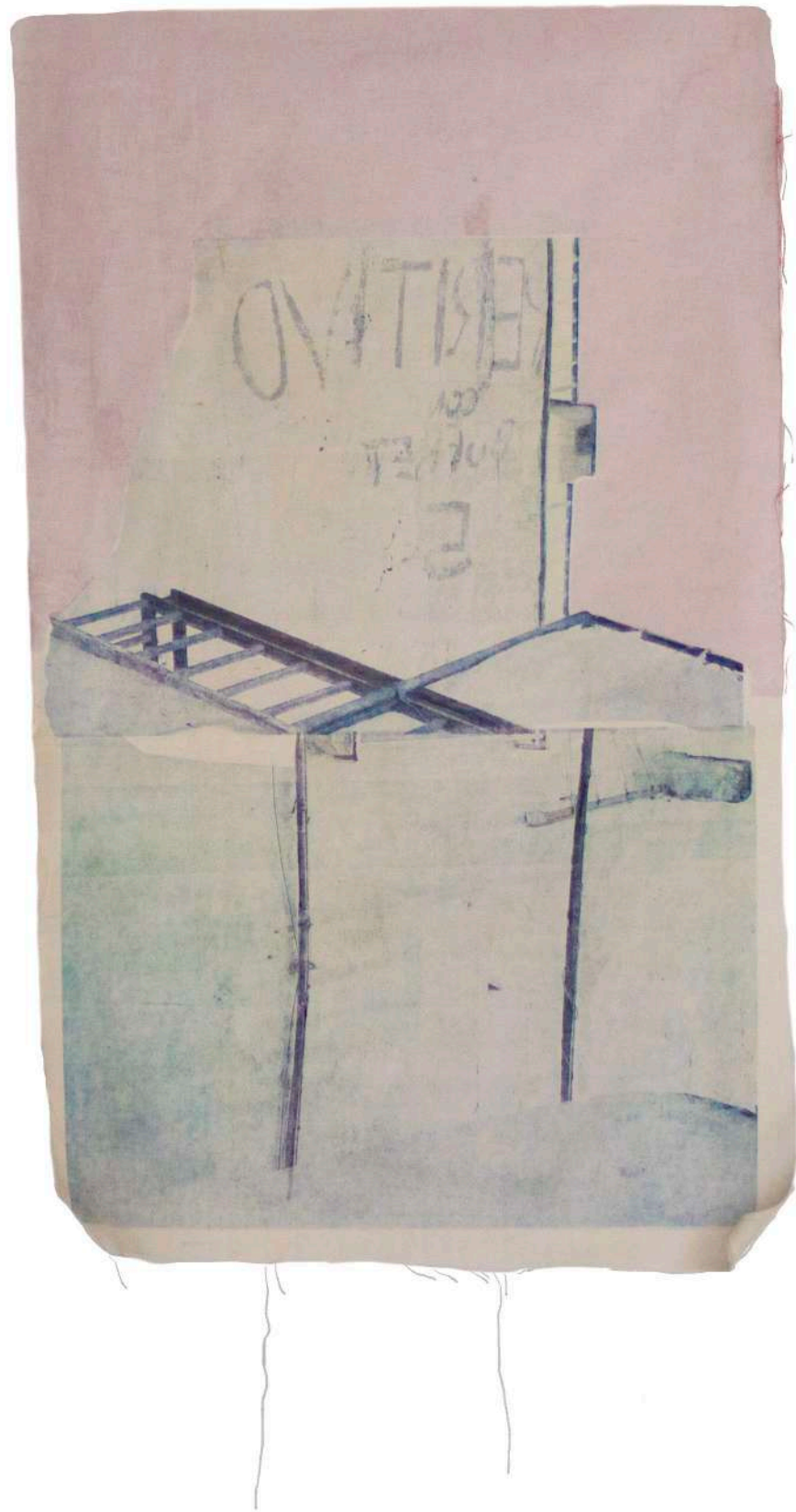
O grau de urbanidade de uma cidade é associado à mobilidade na escala do humano, do pedestre. Cada dispositivo de usufruto da cidade (carro, bicicleta, metrô, ônibus etc.) possui sua respectiva capacidade escalar dentro da rede e, por isso, apesar de potencialmente coabitarem um território, as pessoas fazem usos diversos do espaço, do tempo. Pessoas diferentes, com diferentes dispositivos escalares, vivem cidades diferentes... são espaços contíguos e incompatíveis, realidades não propriamente conectadas, mas concorrentes, dialéticas, que não se encontram senão pela via da contaminação.

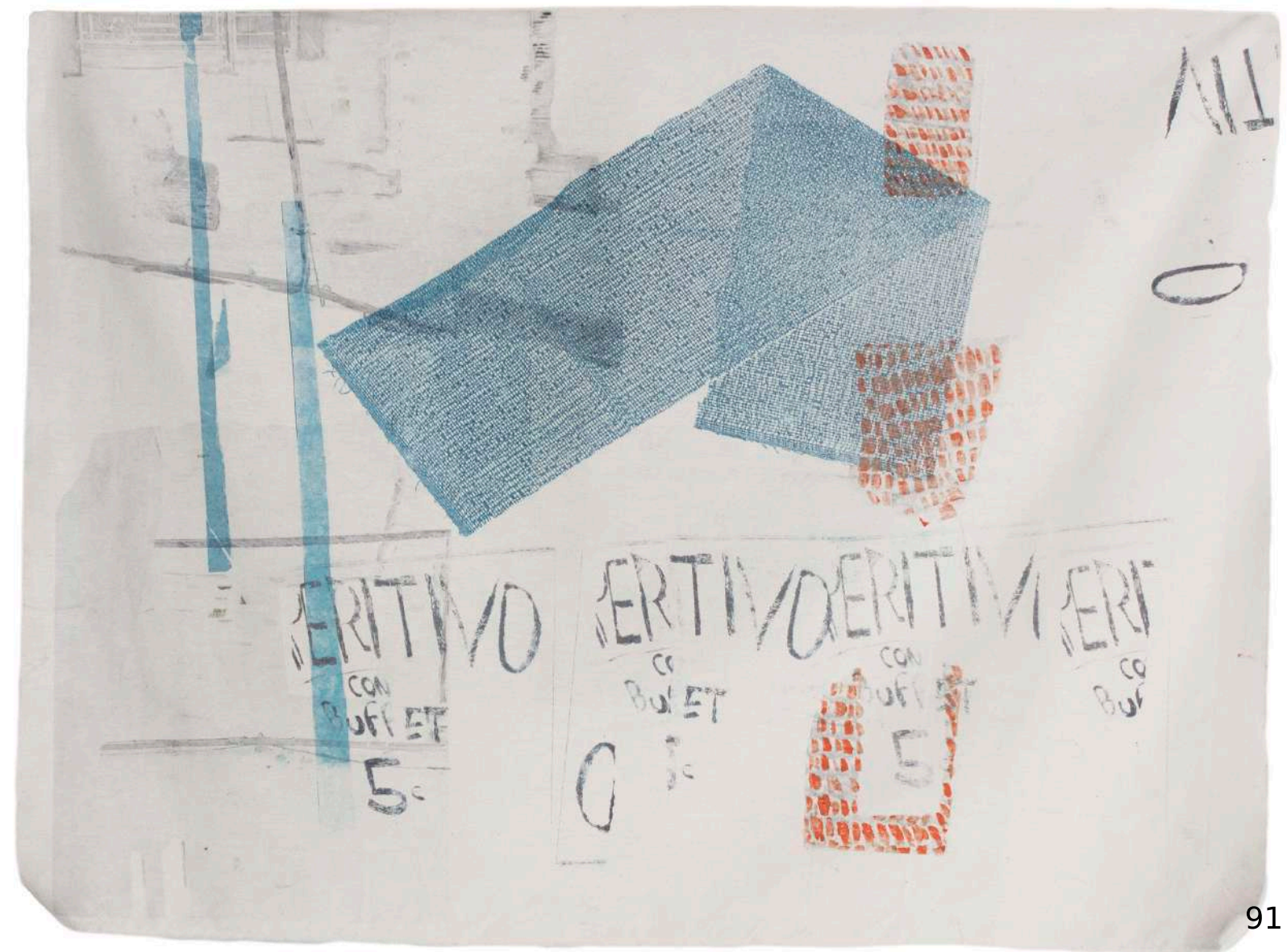
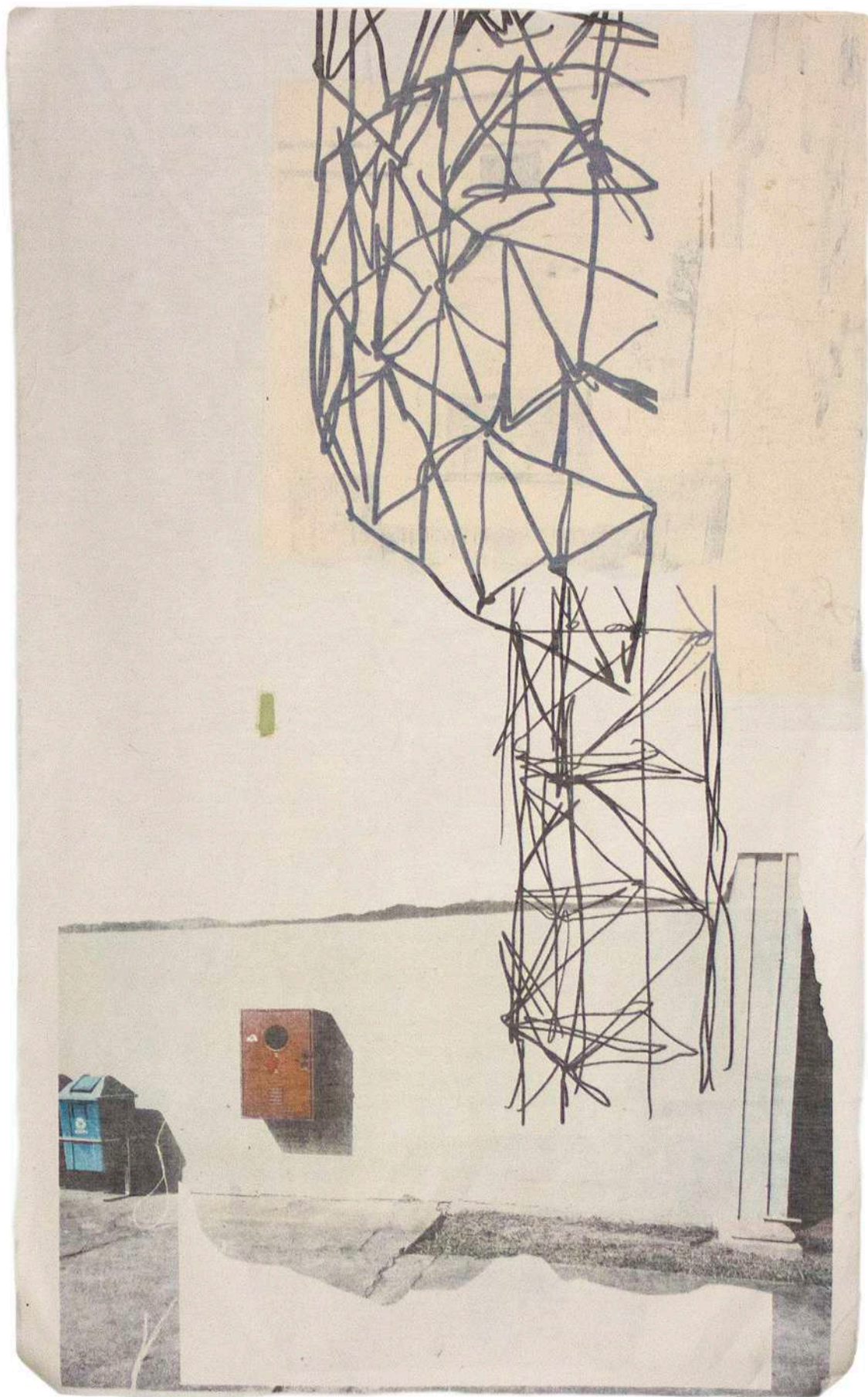


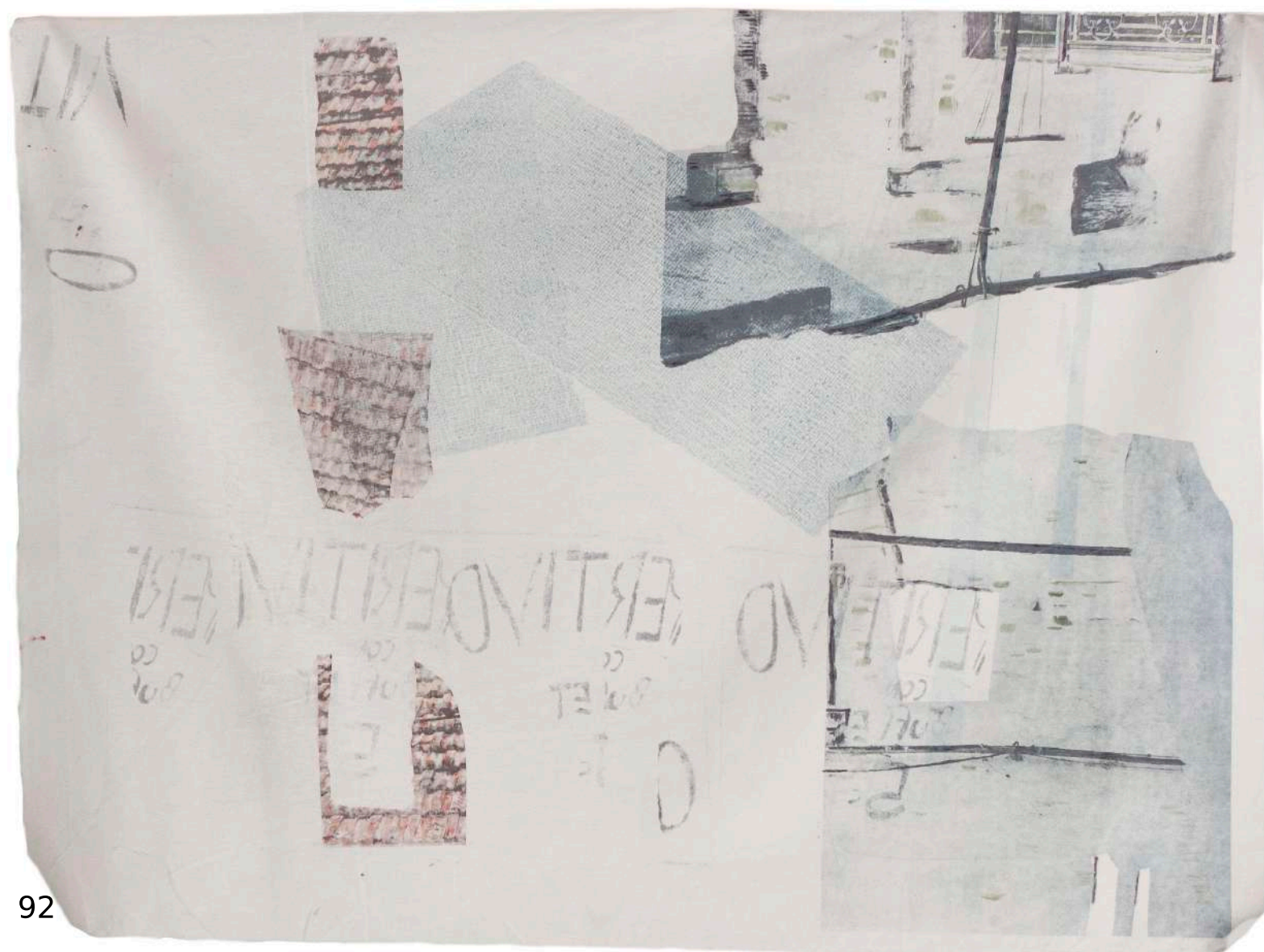












Dessa forma, à colagem se permite atribuir um sentido não apenas virtual, mas espacial, onde proponho levar as técnicas de impressão a um plano instalativo para examinar como a mudança de escala e o deslocamento pelo espaço afetam a percepção. Aqui, a linha e a mancha vêm mais incisivas enquanto instrumentos de segregação, onde frente e verso operam como sentidos opostos de leitura. Por outro lado, revolucionar o suporte com o corpo pode subitamente mudar seus eixos de sustentação – busquei trazer essas sensações também na cor, quente de um lado e fria de outro, onde apenas a forma transpassa. Se adicionam palavras, explorando a iminência entre seus significados perceptivo, conceitual e referencial. Não há sentido correto, não há percurso único, há liberdade de transitar. No entanto, nada pode ser visto em sua totalidade – temos que escolher de que lado olhar.





Me agrada no tecido este algo de despretenso; estendê-lo como um pano no varal, transgredir temporariamente o espaço privado. De certo, um limite sempre se inscreve.

Aceitar a acidentalidade do rasgo enquanto ação que não pode ser simulada, de controle limitado, veio como uma forma de catalisar as tensões entre colagem e cidade – as sensações visuais se apresentam menos como padrões geométricos e mais como borrões irregulares, o que pode gerar novas relações de contiguidade entre espaços fisicamente distantes, e relações de distância, segregativas, a espaços próximos. Às formas plásticas busquei trazer relações de ambivalência entre orgânico e geométrico, propriamente para evocar os modos de sociabilidade urbana.



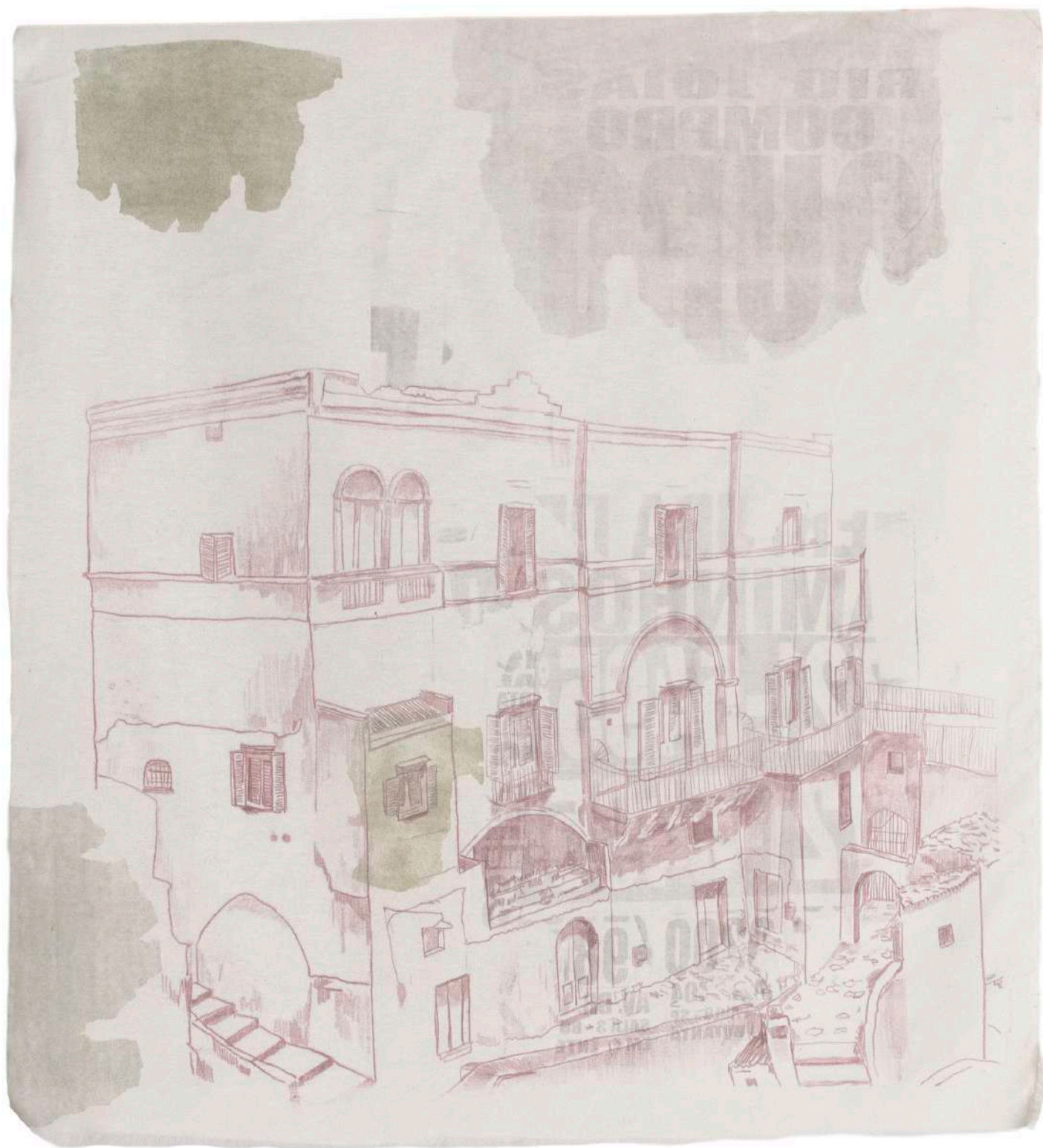






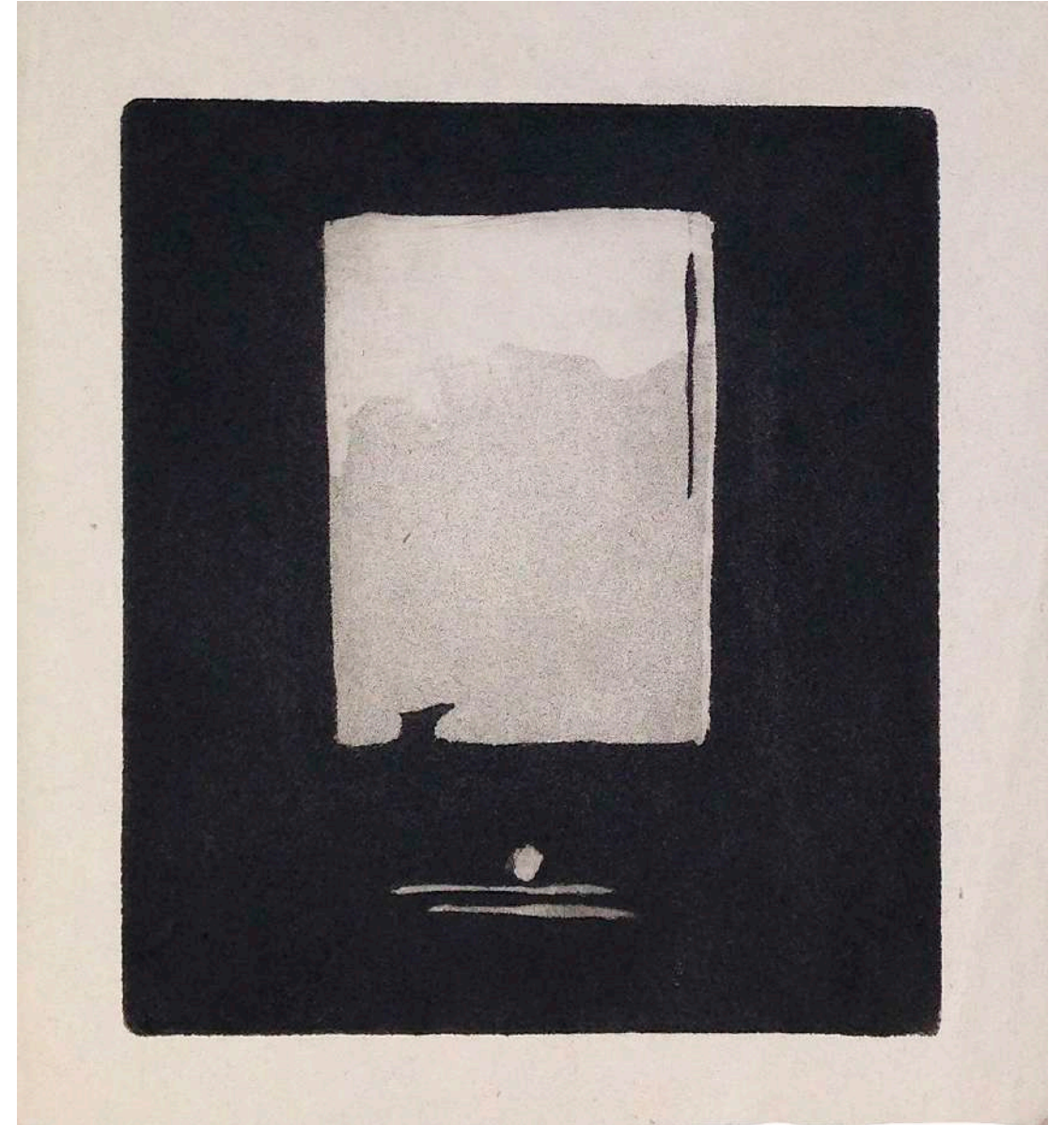








No mosaico de sensações que compõem a experiência urbana, a pesquisa aqui apresentada é ainda um fragmento, em vias de encontrar outros interlocutores para assim caminhar adiante. No percurso do ser errante, cuja marca da cidade está incutida em si, o urbano será sempre um campo de existência heterogênea e embate, nem sempre lógico, entre a minha experiência e a dos outros.



Notas de Rodapé

- 1. Este assunto é discutido por Claudio Mubarac em *Sobre o Desenho no Brasil* , pg 7 a 14.
- 2. O termo *experiência* e seus desdobramentos é tema de discussão em *Notas sobre a experiência e o saber da experiência*, de Jorge Larrosa - Revista Brasileira de Educação, núm. 19, jan-abr, 2002, pp. 20-28.

Relação das obras

	Pg. 35 — Sem título, 2019, fotografia digital
Capa, contracapa, pg. 50 e 79, quarta capa — detalhes da obra Vida e Morte da Sibipiruna , 2018, xilogravura e transferência de xerox sobre papel japonês	Pg. 36 — Sem título, 2019, gravura em metal sobre papel
Pg. 7 a 12 e pg. 117 – Sem título (série), 2015, gravura em metal	Pg. 37 — Sem título, 2019, fotografia digital
Pg. 14 — Sem título, 2014, gravura em metal	Pg. 39 — Sem título, 2019, gravura em metal
Pg. 15 — Sem título, 2019, gravura em metal	Pg. 41 — Sem título, 2019, monotipia
Pg. 17 — Sem título, 2016, gravura em metal	Pg. 43, 45 e 46 — Sem título, 2016, litografias sobre papel
Pg. 19 — Sem título, 2019, fotografia digital	Pg. 49 — Estudos para Contra-face, 2018, técnicas mistas de impressão sobre papel japonês
Pg. 20 a 31 — Sem título, 2019, série de fotografias analógicas	Pg. 53 a 75 — Contra-face (série), 2018, técnicas mistas de impressão sobre papel japonês
Pg. 32 — Sem título, 2019 fotografia digital	Pg. 81 a 115 —Reticular (série/instalação), 2019, técnicas mistas de impressão sobre tecido

Referências Bibliográficas

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. Cidade de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: ed. 34 / Edusp, 2000.

JACOBS, Jane. Morte e vida das grandes cidades. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço. São Paulo: Edusp, 2008, p. 104.

BONDÍA LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação, núm. 19, jan-abr, 2002, pp. 20-28.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. In: ADORNO et al. Teoria da Cultura de massa. Trad. de Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p. 221-254.

MARTINS, Luiz Renato. Colagem: investigações em torno de uma técnica moderna. Ars : revista do Departamento de Artes Plásticas, São Paulo, v. 5, n. 10, p. 50-61, 2007.

HAGIO, Camila Polido Bais. A questão da escala em obras de arte, arquitetura e design. Tese (Mestrado) Área de Concentração: Design e Arquitetura – FAUUSP, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

JACQUES, Paola Berenstein. Cenografias e corpografias urbanas: um diálogo sobre as relações entre corpo e cidade. Cadernos PPG-AU/FAUFBA, vol. 1, n. 1, Salvador, 2003, p. 79.

PENNA, Paulo Camilo de Oliveira. Figura: presença e permanência. Tese (Mestrado) Linha de pesquisa em Poéticas Visuais — Departamento de Artes Plásticas da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

COZENS, Alexander. A new method of landscape. Londres: Paddington Press (1977)

MUBARAC, Claudio. Sobre o desenho no Brasil. São Paulo: ECidade, 2019.

